

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

“Mulher do seu tipo”: mulheres descasadas na “festa baile”

Rose Mary Santana Conceição

NATAL/RN
2015

ROSE MARY SANTANA CONCEIÇÃO

“Mulher do seu tipo”: mulheres descasadas na “festa baile”

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Berenice Bento.

NATAL/RN
2015

ROSE MARY SANTANA CONCEIÇÃO

“Mulher do seu tipo”: mulheres descasadas na “festa-baile”

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Berenice Bento.

Data da defesa: 23 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Berenice Bento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidenta

Profa. Dra. Carla Giovana Cabral
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinadora interna

Prof. Dr. Homero de Oliveira Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador interno

RESULTADO FINAL: _____

AGRADECIMENTOS

À UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), que me fez sentir acolhida por todas as manhãs, desde ao entrar no Campus Central até o fornecimento do mais simples material, no decorrer desses quatro anos.

Ao curso de Ciências Sociais por me oferecer outras lentes para enxergar o mundo.

Aos meus professores e professoras, cada um a sua maneira, por contribuir grandemente na engenharia deste edifício que se alicerça agora.

À Profa. Dra. Carla Giovana Cabral por contribuir compondo esta banca.

Ao Prof. Dr. Homero de Oliveira Costa, pela sua dedicação ao longo do curso e por participar desta banca.

À Profa. Dra. Berenice Bento, de quem o trabalho e maneira de conduzi-lo tanto me inspira e impulsiona neste caminho despontado, por aceitar, com ânimo e alegria, a orientação dessa pesquisa.

Aos colegas de turma pela paciência na convivência diária, dentre os quais destaco Socorro Gualberto, que esteve sempre a postos, com suas valiosas dicas e à Patrícia Rilliane, por atenuar com sua presença os momentos difíceis.

Aos partícipes da “festa baile”, homens e mulheres, contribuintes dessa pesquisa.

À sabedoria imperial que reside dentro de cada um de nós, Deus, na medida em que cada um assim a concebe.

Aos meus amores: Nathaly, minha filha, pela sua presença imparcial, meu filho Filipo, pelos seus preciosos conselhos, a ambos pelo abraço incondicional. Vocês me fazem crescer junto com vocês.

Aos meus irmãos e irmãs, Zé, Marileuza, Luís, Helô (amiga de todas as horas, o conselho sábio e acalentador), Carlinhos, Nilton, Hamilton, Paulinho, Jorge, por cada um a seu modo, ser contribuinte nas minhas reflexões.

Aos meus pais, Maria e Carlos pelas lições de vida.

RESUMO

O mundo social tem sido palco de muitas transformações, principalmente, aquelas concernentes à mulher, que ao ampliar seus espaços de atuação, também é despertada a ampliar seus pleitos no campo da subjetividade. Essas mudanças mostram-se sentidas na instituição da família, seara de protagonismo feminino, em que o projeto social dos gêneros binários e biologizados recebe seus primeiros traços. O casamento, por sua vez, ganha novos delineamentos, atravessando a dissolubilidade, alcançando novas modalidades de configuração. Nesse cenário de transformações supõe-se que a mulher toma as rédeas de seu destino, movendo-se pelas novas possibilidades de elaborar escolhas. Este trabalho teve por objetivo pesquisar o grau de concretude dessas alterações na vida de mulheres descasadas na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Para tanto, foi realizada uma etnografia do fluxo de tais mulheres no espaço da “rua”, em festas baile, somada à pesquisa participante, em que os relatos e falas de partícipes da festa foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se em autoras e autores como, Berenice Bento (2012), Angela M. Almeida (*et al* 1987), Pierre Bourdieu (2014), dentre outros. Embora o campo tenha mostrado que a mulher se encontra em novos tempos e experimentando novas formas de interações, também revelou certas ambiguidades, visto que as mulheres descasadas de Natal estão saindo de casa, buscando divertimentos de forma antes, predominantemente masculina, porém, hesitantes em vivenciar essa nova realidade de maneira plena.

Palavras-chave: gênero, família, mulher descasada, mudança social.

ABSTRACT

The social world has been the stage to many changes, mainly the ones related to women, that to expand their area of operations, also are awakened to grow their claims in the subjectivity field. These changes are felt in the family organization, feminine protagonism area, where the social project of binary genders receive their first traces. Marriage receives new designs, crosses solubility, and achieves new configurations. In this scenery, it is assumed that women take the reins of their destiny moving through the possibility of elaborating choices. This study aimed to find the degree of real changes in the lives of the women who live in Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. Hence, an ethnography of the flow of women in the public space, in *festas baile*, was done, plus a research in which speeches and reports were analyzed in a qualitative way, basing, theoretically, in authors as Berenice Bento (2012), Angela M. de Almeida (et al 1987), Pierre Bourdieu (2014). Although the research has shown that women are encountered in new times and are experimenting new interaction forms, it also has shown some ambiguities, since unmarried women from Natal are leaving home seeking for amusements that were traditionally for men, but the same women are hesitant in having this experience of new reality to the fullest.

Key Words: Gender, Family, Unmarried Women, Social Change.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. TRAÇADO OU FRAGMENTOS METODOLÓGICOS?	11
1.1 Etnografia: uma sucessão de surpresas	11
1.2 “Major” da festa baile, reconstruindo o objeto	15
1.3 Uma incursão pela festa baile, “quinta do bolero”	19
2. BIOLOGIZAÇÃO DO GÊNERO E O MUNDO SOCIAL	24
2.1 Gênero: biológico ou cultural?	24
2.2 Família: um espartilho social	30
2.3 Mudanças sociais: uma sugerida tensão	33
3. “VOCÊ PRECISA DE UM HOMEM PRA CHAMAR DE SEU”	39
3.1 “Você está sozinha, por quê?”	39
3.2 Dançarino de aluguel: “a melhor terapia que existe”	48
3.3 “Eles não chamam pra dançar!”	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Há muito se discute sobre as intensas transformações que o universo social vem passando e o quanto elas ressoam nas mais diversas arenas das relações sociais, especialmente, no que concerne à situação da mulher, que vem se inserindo e ampliando seus espaços nos mais variados campos, do profissional ao religioso e, conseqüentemente, no campo da subjetividade¹. Foram notáveis e significativos os avanços e as conquistas auferidas ao longo das últimas décadas, o que se pode pressupor, vieram a interferir no seu relacionamento amoroso, conjugal, bem como afetivo-sexual com os homens.

Esse movimento de mudanças é notado, sobretudo, na instituição da família, historicamente tida como o núcleo elementar de organização social e, portanto, passível de modelar-se à dinâmica social em seu conjunto. No Brasil, ao longo do século XX, tal entidade vem sendo discutida sob o prisma da família patriarcal e da família conjugal moderna, segundo Andréa M. Alves (2005, p. 19). O primeiro, fundado na complementaridade de papéis entre desiguais, e transcendente à tríade pai-mãe-filho. O segundo, primado no afeto, assento da prole, igualdade e individualidade.

Em ambos os casos, as relações de gênero estão implicadas, quais papéis, em maior ou menor rigor, estão definidos. Todavia, no segundo modelo, observa-se o privilégio da configuração do indivíduo e da subjetividade. Berenice Bento (2012) e Pierre Bourdieu (2014) apontam a instituição como ambiente apto a forjar o universo das relações sociais generificadas e inclinadas à classificação dualista do gênero masculino e feminino baseada no sexo.

Em decorrência de tais mudanças, o casamento, forma tradicional de representar e instituir o núcleo da família passa, também, por processos de mudanças, desde a sua dissolubilidade à pluralidade de configuração. No Brasil, nesse sentido, o passo crucial foi dado no advento da Constituição de 1988, e consolidado com a Emenda Constitucional nº 66, por meio do qual o Direito da Família funda-se na dignidade do ser humano e iguala os direitos e deveres na conjugalidade de homens e mulheres (Art. 226, EC 66/2010, §5º e §7º). Dessa forma, a família ganhara novo delineamento, vindo ajuizar a situação da mulher, enquanto sujeito que reivindica a autoria das suas escolhas subjetivas.

Um fator que chama a atenção, nesse cenário de mudanças, é a sua atitude em função de seus relacionamentos amorosos, em face de uma tomada de consciência em relação à

¹ Subjetividade refere-se ao nível imaginário, às emoções, às fantasias, aos desejos, aos medos pertencentes a cada sujeito. (Figueira, *apud* BENTO, 2012, p. 103).

predominância sexual masculina sobre a feminina. Nesse sentido, pressupõe-se que a mulher aparenta estar em escala ascendente no nível de consciência de si mesma e de sua relação íntimo-afetiva. Situação passível da implicação de novas aspirações, reivindicações e, portanto, passível, também, de confrontações nos diversos âmbitos sociais.

A partir de um enredo novelesco trazido a fim de ilustrar as inquietações e níveis de violência masculina sobre a mulher em um universo social em transformação, Anthony Giddens (1991, p. 18) afirma que “as mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno”. E, dessa forma, o plano da vida pessoal toma dimensões mais largas num processo desencadeado a partir da “sexualidade plástica”, que, desvinculada da ordem reprodutiva viria propiciar a igualdade sexo-emocional, conferindo a elas a prerrogativa do prazer sexual, que era mais concebida como um privilégio masculino.

Diante de tal conjuntura, uma pergunta se impôs: de que maneira, afinal, a mulher tem conduzido sua vida na seara da subjetividade? O interesse desse estudo foi entender como mulheres descasadas² – as variadas possibilidades de composição familiar, que transcende o casamento civil impõem a necessidade de evitar o estrito temo divorciada para que se possa fazer uma abordagem mais englobante e alcance as mulheres que tiveram experiências de cunho semelhante, mas por vias informais, ou quaisquer que sejam – residentes em Natal (RN) respondem a essa questão. Como corolário a este mote central, outras orientaram o trabalho de pesquisa de campo. A noção de família tradicional tem repercutido em tal esfera? Qual a fluência da mulher descasada no ambiente de poder, implicado na relação de gênero? Eis as questões levantadas no presente trabalho.

Para o estudo, fez-se imperioso acionar as discussões teóricas, no que concernem as mudanças sociais no campo da subjetividade e um breve panorama em âmbitos diversos, bem como as relações de gênero, no que tange o domínio de poder, na tentativa de se compreender a construção biologizada do gênero e as consequentes definições de papéis sociais provenientes de tal construção. Em suma, a maneira como isso transborda nas relações sociais de toda natureza, de modo a compreender como a família assenta tal empresa.

Para a consecução do presente texto, as referências fundamentais foram Bento (2012), sobre relações de Gênero, aspectos relacionados às mudanças sociais e suas consequências no

² O termo está empregado a fim de abranger as mulheres separadas, divorciadas viúvas, ou, àquelas que passaram pela experiência da vida marital, seja através do casamento juridicamente formalizado, seja através da relação estável ou afim.

campo da subjetividade. Angela M. de Almeida (*et al*, 1987) para as discussões sobre família no Brasil; entre outras, como Giddens (1993) e Bourdieu (2014).

Na dimensão metodológica, a pesquisa foi inspirada na definição de etnografia nos termos do Clifford Geertz (1989) combinada com a pesquisa participante. Bourdieu (1998) foi a referência, visando ao confronto da pesquisadora e seu objeto de pesquisa, para validação de dados.

A caracterização e codificação dos espaços para além do físico, em “festas baile”³, mostrou-se ambiente privilegiado pelas presenças dos perfis de mulheres em questão. Nesse sentido, as reflexões de José G. C. Magnani (2002) foram fundamentais para interpretar a relação entre esse ambiente social e a dimensão identitária feminina. O trabalho de “campo”⁴ teve a duração de quatro meses (de março a junho de 2015), com maior intensidade no mês de maio e revisitação no mês de outubro.

O universo dessa pesquisa está constituído por mulheres descasadas, de faixas etárias em torno dos 40 a 60 anos de idade, frequentadoras de festas baile. São mulheres que, após o casamento, tomam as rédeas de sua subjetividade e saem de casa para se entreter em festas noturnas. Apresentam-se, normalmente, em grupo de amigas e algumas contratam parceiros masculinos para dançar ou acompanhá-las nas festas.

O objetivo da investigação é pensar sobre possíveis limitações e potencialidades da liberdade e autonomia dessas mulheres, ou seja, qual é a percepção que se tem delas em seu trânsito no espaço da “rua”. Para isso, é necessário entender qual a importância da “categoria”⁵ gênero na estruturação das relações que acontecem no espaço da festa baile.

A hipótese que orientou a pesquisa foi de que ainda não se pode afirmar que há transformações estruturais do lugar que a mulher ocupa na sociedade, embora a pesquisa tenha se realizado com mulheres em um espaço tradicionalmente masculino, em festas (espaço público), e com mulheres sem pares amorosos. Mais um aspecto que se buscou apresentar, ao longo do trabalho, foi o que esse cenário de liberdade “esconde” níveis de tradicionalismo que precisam ser mais bem estudados.

³ Termo usado para designar tipo de festa caracterizada pela dança de salão e a contratação de dançarinos profissionais, por parte das mulheres.

⁴ Sobre a gênese do conceito de *campo*, “conto realizar a confluência da diversidade aberta pela pesquisa em ação com a coerência reforçada por um olhar retrospectivo. Diferente da teoria teórica [...], a teoria científica apresenta-se como um programa de percepção e de ação só revelado no trabalho empírico em que se realiza” Bourdieu, (1998, p. 59).

⁵ O termo *categoria* “[...] impõe-se por vezes porque tem o mérito de designar ao mesmo tempo uma unidade social – categoria dos agricultores – e uma estrutura cognitiva, e de tornar manifesto o ele que os une.” Bourdieu (2014, p. 17).

Quando, em dado momento do curso de Ciências Sociais, foi solicitado que se articulasse um projeto de pesquisa, a primeira pergunta que surgiu foi: o que pesquisar? A segunda: poder-se-ia realizar uma pesquisa científica a partir de inquietações produzidas pela própria experiência da pesquisadora? Afinal, elas estavam intrincadas na sua vivência com o seu mundo social, dado os dilemas da “vida comum” face à tônica “casar pra ser feliz”. Ou seria, casar para estar na “norma”?

Na medida em que transcorria seu convívio enquanto mulher descasada na universidade, a inquietação se assentava mais, fortalecendo a aguçã em se pesquisar sobre como estaria sendo reconstruída a vida amorosa dessas mulheres em um cenário de mudanças sociais de toda monta. Portanto, não se tratara de uma questão meramente individual, mas do âmbito social *lato sensu*. Conforme o estudo foi avançando, esse cenário de mudanças no universo daquelas mulheres apresentou-se variavelmente conturbado, dando outro viés à pesquisa. Qual seja o grau de concretude dessas alterações na vida das mulheres no âmbito estudado.

Entende-se que a pertinência desse estudo reside em levantar uma discussão sobre o assentamento da subjetividade do perfil de mulheres – que trazem a marca da dissolução de um engenho social que até pouco tempo as ajustavam socialmente –, a partir de uma delimitação empírica, por meio da qual a dinâmica social se revela tão invisível e inadvertidamente agressiva, que, sujeito e sociedade parecem viver numa situação de mútua dissimulação, a se dizer: “você finge que me respeita e eu finjo que acredito”. Cientes de que não se pode dar conta de refletir tamanho universo, na mais ampla dimensão, pois é evidente a heterogeneidade que se apresenta nesse pequeno recorte. Todavia, vem fornecer elementos relevantes para se refletir acerca das questões expostas.

O trabalho será apresentado em três capítulos. Cada um está subdividido em três seções. O primeiro traz uma discussão acerca da experiência de campo e problematização acerca da pesquisa, a metodologia e a descrição do campo etnográfico. O segundo trata das discussões teóricas concernentes às mudanças sociais no campo da afetividade, a dinâmica da família no Brasil e as relações de gênero. E, o terceiro traz a tessitura de uma análise qualitativa dos relatos e dados obtidos na etnografia, a fim de responder as questões levantadas pela pesquisa.

TRAÇADO OU FRAGMENTOS METODOLÓGICOS?

Este capítulo tem o propósito de expor o percurso da experiência da pesquisa, a metodologia e uma descrição do campo etnográfico. Em seguida, trata de aspectos metodológicos inspirados em Geertz (1989) quanto à interpretabilidade da observação; Bourdieu (1998), quanto à confrontabilidade entre pesquisador e objeto de pesquisa e em Magnani (2002), quanto à caracterização ou codificação do espaço para além do físico.

1.1 Etnografia: uma sucessão de surpresas

O campo da pesquisa, em toda a sua abrangência, tem se mostrado uma sucessão de surpresas. Quando pensei estar observando as interações ali, eu me encontro sendo observada, investigada. Lanço-me a pesquisar outros, e descubro mais sobre mim mesma do que propriamente sobre o objeto que estou a estudar, pois me vi resistindo meses e meses em ir à festa desacompanhada. Só criei coragem quando vi o tempo de ir a campo quase se esgotar. Pensar nisso foi um choque para mim, pois já há tempos me percebia despreendida dos padrões e modelos nos quais fui habituada.

Quando, depois de meses indo à festa baile, tentando encontrar a melhor maneira de inserção (acompanhada da “amiga”, sozinha, com um dançarino contratado, e depois novamente sozinha), finalmente, as mulheres dali se abrem e começam a falar comigo. Bingo! Consegui acesso à elas, para as conversas, entrevistas e tudo mais! Nesse dia troquei telefone com três delas. Saí do campo radiante, me sentindo “a pesquisadora”. Nos dias seguintes, “caiu a ficha”! Elas precisavam saber quem eu era e o que queria ali. Mais que isso, precisavam saber se eu era um novo *affair* do dançarino, que é conhecido dos demais ali, que conhecem a esposa dele (sua última contratante). Ou seja, tratara-se ali de um “pedaço”, ao qual eu não pertencia.

A experiência de ir à festa sozinha e, depois, de contratar um dançarino para me acompanhar por algumas visitas ali, só me pareceu plausível quando incorporei o papel de pesquisadora. Foi até um tanto divertido perceber que fazia papel de mim mesma. Enquanto ali, para mim, eu era outra pessoa, ou seja, exigia de mim ser uma pesquisadora e transitar naturalmente em meio aos olhares e às abordagens, enquanto que para os outros, era eu quem estava ali. E nessa troca de papéis me senti avançar extraordinariamente. Foi uma experiência fantástica!

Em uma das vezes que estive sozinha, na festa, depois de inúmeras abordagens invasivas e constrangedoras, por parte dos homens e, nada de estabelecer contato com as mulheres dali, (estava indo embora me sentindo um tanto angustiada, pois aquela visita a campo não me parecia nada proveitosa devido aos acontecimentos mais fortes estarem relacionados à minha própria presença ali), um homem, aparentemente “bem educado”, investiu uma tentativa de conversa comigo, convidando-me a dançar. Eu, já de saída, agradei e recusei. Ele insistiu, insistiu, e de maneira sutil fora dando informações sobre ele, suas noções sobre psicologia. Dissera seu nome e sua patente na polícia. E, seguidamente falava coisas, entre várias,

como: “mulher do seu tipo!” (leia-se: estatura de 1.70m., magra, cabelos longos, traços de negra, sozinha na festa-baile, à uma hora da manhã), em tom, aparentemente sereno, mas suas palavras me violentavam! Como se me punisse pela recusa. Tive que recobrar de mim em pensamento: você é uma pesquisadora!

Quanta pretensão! Saí dali exaurida e arrasada. Sentei-me no banco do carro e escrevi tudo quanto foi possível me lembrar com a máxima precisão, as falas e os acontecimentos daquela noite. Fui para casa sentindo-me surrada. E, a partir de então, pus-me a pensar sobre a pesquisa em todos os seus aspectos: “valia a pena”? O que seria aquilo afinal? O que eu estava estudando? Quem era eu, ou o que era eu naquele emaranhado de ocorrências, que não estavam tão somente em mim, nem tão somente no campo para serem observadas, mas que estavam instaladas entre mim e o campo? Um dilema tal, que tomara foco das minhas reflexões por vários dias que se seguiram.

Portanto, entendo que a experiência de campo tem transcorrido como um processo de cozimento (que só pode ser feito) em fogo lento e, que antes até de iniciá-lo, é preciso selecionar (dentre os disponíveis) os ingredientes, os temperos, os condimentos. Ainda mais, o cozinheiro precisa ter habilidade, sensibilidade e delicadeza para não errar na medida certa da porção. De tão complexa, parece às vezes, inalcançável e desanimadora. Todavia, faz-me evocar o querer descobrir, compreender, pesquisar. E, apesar das dificuldades, acredito no que elas podem trazer de positivo, pois além do exercício de superação, espero que, à medida que me descubro como sujeito partícipe do contexto pesquisado, crie melhor condição de apreender o outro. Tomara! (Diário de campo, Natal/RN, março a junho de 2015).

A experiência de campo, conforme descrita no relato acima, pode se considerar mesclada de momentos interessantes, divertidos, vazios, intensos, e outros difíceis. Entretanto, ela foi muito mais fértil e enriquecedora, principalmente, porque suscitara – na pesquisadora – a percepção do quão poroso e movediço e, ao mesmo tempo, flutuante e escorregadio é o terreno da pesquisa social. Supõe-se jamais se encontrar aqui uma palavra única que por si só o descreva com precisão. Além de situá-la na sua condição de sujeito partícipe do contexto em estudo, e mais ainda, do recorte empírico dado.

A princípio buscava-se compreender como em um cenário de transformações sociais, discutidas e tratadas como factuais, a mulher descasada dessa localidade estaria pensando ou reconstruindo sua vida amorosa. Pretendia-se entrevistar mulheres descasadas, inclusive as participantes das festas-baile. Entretanto, o campo de pesquisa apresentou elementos que impuseram, fortemente, a reflexão sobre o grau de concretude de tais mudanças na vida dessas mulheres. Fato que redefiniu o foco do estudo, culminando na reformulação da questão problema de pesquisa. Tal como: em quais dimensões as mudanças sociais estão substancialmente refletidas na vida subjetiva das mulheres descasadas que compõem esta pesquisa?

O impulso para tal reformulação se deu, primeiro, pela hesitação de algumas mulheres em tratar do tema, rompendo o contato após indagações sobre o tema, propriamente, e sobre o que seria perguntado nas entrevistas. Muito embora essa impressão tenha sido acentuada ao longo da pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas, nas quais as participantes, em grande parte, demonstraram se sentir honrada em colaborar para um trabalho científico. Todavia, a fim de delimitar o estudo na questão-problema, esses dados foram postergados para uma fase posterior do trabalho.

Segundo, pela dificuldade de inserção no campo etnográfico da pesquisa, algo absolutamente surpreendente, em face de se tratar de uma pesquisadora mulher, que vive na mesma localidade e em larga medida, compartilha do universo pesquisado (experiência de vinte anos de casamento, descasada há dez anos, com filhos adultos e faixa etária beirando os cinquenta anos).

Terceiro, por vivenciar, “na pele”, a forma como é percebida e tratada uma “mulher do seu tipo”, leia-se: a pesquisadora (mulher conforme descrita) no espaço etnográfico (festa baile), portando-se, todavia, como uma partícipe comum naquele cenário. Essa foi uma resposta à sua concepção de liberdade individual de ir e vir, independentemente de ser à uma hora da manhã ou da tarde, de se ter ou não ao lado uma companhia masculina ou feminina.

A primeira visita a campo foi feita na companhia de Marília⁶, uma frequentadora assídua de festa baile, que seria a “colaboradora informante”. Isso aconteceu depois de três oportunidades de conversas sobre a festa, uma pessoalmente e as outras por telefone. De modo que, foi dito a ela, na ocasião da visita, que havia a possibilidade de as interações ali fornecerem elementos a serem trabalhados em uma pesquisa científica sobre mulheres excasadas. E, que inclusive ela própria poderia contribuir, concedendo uma entrevista. A pesar de ela demonstrar agradabilidade durante a conversa e permanência na festa, posteriormente, o contato foi cessado.

As questões norteadoras da pesquisa eram, essencialmente, sobre: a idealização do relacionamento amoroso; o significado da máxima “ser feliz no amor”; fatores determinantes para a manutenção da relação amorosa; a relevância da atividade sexual em face dos sentimentos de “afeto” (amor, amizade, companheirismo) e afinidades; o fator de animação e desanimação na ideia de “morar junto”; fatores marcantes, positiva e negativamente, na

⁶ Marília é uma mulher que aparenta ter por volta de 50 anos de idade, descasada, com três filhos adultos. Tem pele clara, cabelos louros (visivelmente artificial), comprimento pouco abaixo do queixo, corte estilo chanel. Porta-se com visível ostentação, usa acessórios, potencialmente caros: joias, bolsas e sapatos refinados, procura deixar perceber seu estilo de vida de “alto padrão”, cabeleireiros mais de uma vez por semana, restaurante para as refeições principais, academia de ginástica corporal e é adepta a procedimentos de medicina estética. São dados que ela procurou fazer saber a pesquisadora.

experiência do casamento; o quão influentes estas seriam nas suas escolhas amorosas presentes; propensão em casar-se novamente de forma convencional; por fim, a forma de conduzir a vida amorosa e a influência dos filhos nessa conduta.

Em dado momento, fora então repensado em se fazer a observação da festa, sem mais anunciar a pesquisa. Porém, buscando sempre estabelecer rede de contato entre as partícipes da festa, iniciando conversas informais, de modo a observar em torno de seus comentários espontâneos sobre a festa e suas expectativas, para, em momento oportuno e fora dali, propor a realização das entrevistas.

Percebidas as dificuldades de inserção no meio, a cada dia de participação procurara-se experimentar diferentes maneiras de auferir o propósito, alternando entre visitas da pesquisadora desacompanhada e, outras vezes, acompanhada de um dançarino contratado (prática corriqueira na festa). O fato é que dentre as mulheres que forneceram seus contatos, apenas uma estabeleceu uma comunicação e concedeu uma entrevista. Algumas não o responderam posteriormente, outras mantiveram breve contato, mas não concederam as entrevistas. Mais adiante, fora dada preferência à análise qualitativa dos acontecimentos observados no campo, às conversas informais, e aos relatos coletados espontaneamente sobre suas expectativas ali, bem como, descrições e informações sobre local.

O trabalho de campo realizado no período de quatro meses não dá sinais de concluído, podendo ser considerado apenas o percurso de uma fase inicial interrompida, devido aos limites já expostos e a conseqüente necessidade de pausar a visitaçã;o; o tempo que se dispõe, de modo a contemplar as outras etapas desse trabalho de pesquisa e, também, a demanda de certa disposição financeira, por se tratar de uma festa que implica cobrança de ingresso, consumo, entre outras indiretas: *cachê* do dançarino (quando há contratação), do garçom, do “guardador” de carros, algum material (CD, DVD), oferecidos por artistas que estão em apresentação no local.

Um aspecto importante que deve ser ressaltado é a utilização dos nomes fictícios para se referir aos partícipes da festa que mantiveram algum diálogo com a pesquisadora. Sejam os dançarinos (pois houve muitos diálogos, tanto com o contratado, quanto com outros dois que ofereceram uma “canja” à ela, sempre imbuída de conversas nas vezes que tiveram oportunidade. Isto é, quando suas contratantes ainda não haviam chegado ou já haviam ido embora), sejam os homens e mulheres que estabeleceram conversas mais demoradas a ponto de dizerem seus nomes. Foram preservados os diálogos com a garçonete, por ter sido a única mulher a fazer este serviço nas festas visitadas, ela não é referida como tal, e sim como pessoa

comum ali. Já em relação ao Major⁷, foi omitido seu nome, mas mantida a patente, do mesmo modo como ele se apresentou: “sou major da polícia”.

Vale notar, ainda, que nunca fora dirigida qualquer pergunta, relacionada à pesquisa, às pessoas ali, sejam homens ou mulheres partícipes da festa, sejam prestadores de serviços comuns ou os dançarinos. Os relatos apresentados foram, absolutamente, pronunciados de forma espontânea.

1.2 “Major” da festa baile, reconstruindo o objeto.

Major: [...], vamos dançar?

Pesquisadora: Desculpa, mas já estou de saída!

M.: Vamos então conversar um pouco?

P.: Muito obrigada pela sua atenção, mas, realmente já estou de saída.

M.: Posso acompanhar você até lá fora?

P.: Não, obrigada!

M.: Então, me dê alguns minutos aqui mesmo, quero falar com você!

P.: Ok. Está bem!

M.: Você está de carro?

P.: Sim!

M.: Você mora com quem?

P.: [risos]... É pra responder, hein?

M.: Por que você está sozinha na festa?

P.: Veja..., eu quis vir sozinha. Não planejei nada com ninguém, resolvi de última hora e não podia deixar de sair por causa disso. Você acha que isso é um problema?

M.: Mulher do seu tipo, que anda sozinha, é por que tem personalidade difícil, temperamento ruim, é uma lascada! (desculpe o termo, mas eu falo a verdade!). É uma sofrida, não tem amigos, não consegue manter relação com ninguém. Mulher do seu tipo é uma lascada! Os homens não gostam de mulheres como você! Eu sou psicólogo, sei disso. Muito embora eu exerça uma profissão ruim.

M.: Você tem ideia do que seja uma profissão ruim?

P.: Não, [...] mas, o que seria uma profissão ruim?

M.: As mulheres não gostam da minha profissão. Algumas têm medo da minha profissão. [...], eu sou major da polícia. Repito a verdade! Os homens não gostam de mulheres como você!

P.: Mas, afinal, por que você está falando agora comigo? Por que você está falando essas coisas comigo?

M.: Vejo em você algumas qualidades. Quero conversar com você!

P.: [Num esforço incomum de se manter serena] Quais qualidades?

M.: Você é muito charmosa, é diferente, e sabe conversar. Mulher do seu tipo não sabe conversar, não tem valor, como eu disse: é uma lascada! [...]. (Diário de campo, diálogo entre a pesquisadora e um partícipe da festa baile: Natal/RN, março de 2015).

⁷ O major é um homem que aparenta ter em torno de 55 anos de idade, pele clara, usava calças jeans e camisa manga-longa de cor clara, relógio refinado, sem barba, pele cuidada, cabelos bem cortados, caminha em passos lentos e tranquilos e fala pausada.

Terceiro dia de trabalho em campo, ocasião na qual, definitivamente, o objeto de pesquisa se desmoronara, tendo a necessidade de ser reconstruído, para levantar novas hipóteses. A pesquisadora encontrara-se envolta ao próprio objeto da pesquisa e toda a preocupação se dava em como prosseguir o trabalho, ignorando aquela proeminente relação dela com o campo etnográfico e objeto a pesquisar. Logo, impõe-se uma interrogação: o que seria uma “mulher do seu tipo”? Estaria sendo ali renomeada a mulher puta? Mas, afinal, o que caracteriza uma mulher puta? Seria o seu estereótipo ou sua iniciativa de ir e vir sozinha, atitude destoada das mulheres da festa baile que costumam ir à festa, agrupadas entre si?

As primeiras dificuldades se inauguraram quando ela própria – a pesquisadora – sentira-se impactada ao despertar para sua própria resistência em ir à festa (campo etnográfico) sozinha, por não encontrar mais meios de angariar relações com pessoas, preferencialmente, mulheres que a acompanhassem na festa e que, ao mesmo tempo, conciliasse com o caráter mais objetivo da participação.

Buscava-se ponderar, todavia, sobre a ideia de que um trabalho de pesquisa não poderia mesmo ser realizado com as “ajudas” para além dos atores do próprio campo. Bem como, a conciliação de tal realidade com os “mandamentos da etnografia”, que tanto se falara durante o curso de Ciências Sociais. Pensou-se, então, que contratar um dançarino equivaleria a aprender a língua nativa de uma tribo distante no processo de inserção do pesquisador, ou mesmo apreciar a comida local com sincera satisfação, elementos que se supõe contribuir em quebrar o clima de desconfiança na relação do pesquisador e atores pesquisados.

O alvorecer da etnografia suscitou, portanto, a formulação de uma hipótese que se dá como norte deste trabalho: as transformações sociais, que se pretendem factuais, seguem-se em processo, no qual a mulher descasada dessa localidade encontra-se a meio-passo. E, nesse sentido, procura-se aqui fazer uma reflexão sobre em que plano reside a liberdade e autonomia subjetiva desse perfil de mulheres. Qual é a percepção que se tem dessa mulher, bem como, ela própria de si mesma, em seu fluxo no espaço da “rua”? Qual é a implicância do caráter do gênero nesse fluxo? Qual o comprometimento da presença do gênero masculino na identificação dessa mulher?

Obviamente, sem perder de vista a certeza dos limites impostos pela própria natureza da pesquisa e do objeto pesquisado – visto que numa mera iniciação empírica, “o mundo vira de cabeça pra baixo” – a heterogeneidade que se apresenta ali, cujo alento encontra-se na noção de uma “pedagogia incomum” norteadora do “ofício” do pesquisador social, no defrontar do panorama das dificuldades a ele inerentes, Bourdieu (1998).

Começa-se, então, a se questionar sobre como estudar as ações num assento de mudanças, se as próprias mudanças se apresentam na realidade, controvertidas? Afinal, de quais mudanças se está falando? O que estaria dando significado à atitude do tal Major da festa baile? Seria, conforme Gilberto Velho (1987), uma memória dos ideais do patriarca e Roberto Da Matta (1987) a concepção da mulher em dimensões contrastantes “mulher da casa” e “mulher da rua” ambas viventes em função de suas vontades? O que lhe concede o ímpeto de articular uma violência, embora invisível aos demais, sem sequer ser questionado? Por que a pesquisadora se percebe ali tão impotente diante de tamanha violência? Seria essa, sabidamente por ambos, legitimada? Seria seu “capital de gênero” (BENTO, 2012, 142), que lhe confere tal poder? E a ela o inverso?

Face ao exposto, o que fazer com as hipóteses e objeto, pensados na consecução do projeto inicial, de que a mulher (assim como a pesquisadora se percebia) estaria vivendo descasada ou não, “muito bem, obrigada!”, do jeito que bem entendesse, indo e vindo à festa com a mesma naturalidade com a qual ela vai ao trabalho, à universidade, ao supermercado? Apenas buscava-se pesquisar como essa mulher descasada, do início do século XXI, em Natal/RN, estaria reconstruindo sua vida amorosa – segundo se deixa interpretar as discussões teóricas –, no cenário de “consolidadas”, embora incipientes, mudanças sociais. Questões que levaram, fortemente, a se problematizar o nível de concretude de tais mudanças na vida prática desse perfil de mulheres.

A experiência do pesquisador ao se confrontar com seu objeto de pesquisa:

[...] é sem dúvida o exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o “interesse” do próprio objeto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer. (BOURDIEU, 1998, p. 51).

O autor fala da “objetivação participante”: a objetivação da relação do pesquisador com o seu objeto de pesquisa. Um exercício árduo, todavia, crucialmente necessário, por parte dele. O exercício de apreensão do objeto, a partir do seu próprio embate com ele, situação exigente de novos olhares do pesquisador. Um olhar refletido pela teoria, mas não só contemplado por esta, e sim tecido na própria diversidade e imprevisibilidade do teor empírico. Um exercício que incide sobre questões epistemológicas de apreensão de qualquer objeto, fortemente destacado pelo autor, a diferença entre esse e o da “observação participante”, implicado na análise de uma participação em grupo diferente e/ou distanciada.

Ainda segundo o autor, o “ofício” de pesquisar é norteado por uma pedagogia incomum, que se conjuga mais na prática do que na teoria e solicita do pesquisador a perspicácia em acionar “coisas teóricas” em função dos “objetos empíricos”, que se traduz na ausência da rigidez da pretendida neutralidade, ou seja, uma combinação do pensar e do fazer processado na autonomia do pesquisador e reproduzido na experiência, a partir de seu repertório teórico e seu constructo subjetivo: o “pensar relacionalmente”.

Compreendida aos olhos de Geertz (1989) a etnografia é o método de campo que transcende as técnicas e processos determinados, é a “descrição densa”, microscópica, pelas quais as minúcias vão além de particularidades. É interpretativa e permite ao pesquisador interpretar a percepção do agente sobre a sua própria ação, quanto ao significado e importância que esta tem para ele e para o seu grupo. Portanto, imbuída duplamente de subjetividade, a do ator social e do pesquisador.

Nesse sentido, é vital compreender o significado da imagem mental que norteia a atitude do Major, o que significa para ele aquela ação e o valor que isso tem, na sua imaginação, para todo o conjunto. Importa pensar sobre o que motiva sua cólera diante da recusa, da negativa, pois é o que de fato se coloca em discussão aqui. A mulher da “rua”, “desregrada”, impondo sua autonomia, seu empoderamento – que, em certa medida, é inegável – sem aparentemente se importar com a suposta proeminência dele, digamos, frustrada e, portanto, provedora de um mal-estar inerente à situação.

Seria isso um incômodo particularmente seu, ou estaria relacionado com o lugar ao qual se atribui qualidades que vão ao encontro do que se supõe esperar dele, (como se poderá ver no Capítulo 3, página 45 em entrevistas realizadas pela mídia): “um ambiente de família”, “um lugar de respeito”, que, segundo Da Matta (1987), são sinônimos e se evoca quando se pretende ressaltar o valor de determinada coisa ou situação.

Entendidos por Eunice Durhan (1986), os trabalhos recentes com um recorte de grupos mais delimitados possíveis e, vistos “de dentro”, se dão de maneira a privilegiar a observação participante, bem como a análise dos discursos e, propriamente, a relação do pesquisador com o objeto estudado, dando nota da subjetividade no processo, como um ingrediente inseparável da experiência em campo de pesquisa na busca de apreensão dos significados.

No estudo de fenômenos urbanos das cidades contemporâneas, Magnani (2002) propõe o uso da etnografia despreendida de manejos pós-modernos para tratar desse universo e pensá-lo sob o prisma de um olhar voltado para os atores sociais e suas interações sob diferentes formas de socialização através de disposições coletivas. Tal como o arranjo

coletivo do “pedaço”⁸, que, em grande medida, identifica a cena etnográfica dessa pesquisa, quanto ao código de pertencimento em dada totalidade; pela transitoriedade de espaço (festa e partícipes) e o componente simbólico que caracteriza um dado código comum. E, conseqüentemente, o estranhamento daquele que não o utiliza por não conhecer, por não estar inserido. Enfim, por não ser do “pedaço”.

Vale ressaltar que não se quer aqui lançar um olhar sobre o espaço propriamente, nem tampouco esmiunçar o conceito que incide sobre ele. Todavia, estabelecer um referencial etnográfico e percebê-lo como uma grandeza relacional. Portanto, não é o espaço que está em discussão, mas os fluxos das interações que ali se apresentam.

1.3 Uma incursão pela festa baile, “quinta do bolero”

O termo “festa baile” ficou mais popularmente conhecido no início da década de 1980, em São Paulo, com o programa televisivo “Festa Baile”, exibido pela TV Cultura nas noites de sábado. O programa trazia, para a sala de casa, as reuniões dançantes, a “dança na poltrona”. Embalados ao som da Orquestra da Saudade muitos do/as participantes inspirados no clima romântico dos “clubes da terceira idade” dançavam de rostos colados, à moda antiga e em grande estilo, cuja indumentária típica eram vestidos longos para as mulheres e *smokings* para os homens.

Tal inspiração deu corpo a uma atividade comum de lazer noturno que acontece em diversos locais da cidade do Natal, Rio Grande do Norte, com a mesma denominação, bem como, em outras cidades brasileiras, como os “bailes ficha”, comuns no Rio de Janeiro, Alves (2005). É uma espécie de fomento ou ateio à dança de salão, reunindo um público muito variado e que aprecia essa modalidade de dança. No caso de Natal, nos dias mais deslocados dos fins de semana, conforme observação em campo, a atividade é mais característica e tem um público diferenciado. São frequentadores mais regulares, em menor número, e, aparentemente, de faixas etárias menos heterogêneas, provavelmente entre 40 e 60 anos.

Nesse caso, fica mais evidente a presença de homens (na maioria, jovens) profissionais que prestam serviços de parceiros de dança e acompanhantes nas festas, às mulheres que assim os buscam. São parcerias entre “dançarinos profissionais” e “mulheres

⁸ Quando o espaço – ou o segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referencia para designar determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações (que instaura um código capaz de separar, ordenar, classificar), recebia o nome de “pedaço”. [...] o pedaço é o lugar dos colegas, dos “chegados”. Conforme Magnani (2002, p. 21)., no pedaço não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vem, do que gostam e o que podem ou não fazer.

contratantes” (termos usados na festa). Entretanto, a maioria das mulheres, dentro e fora daquele lugar, ouvidas espontaneamente sobre o tema, refutam, veementemente, a prática. Aquelas que a aprovam ou faz uso dessas, destacam, de início, a funcionalidade da atividade: uma espécie de terapia.

Ao contrário dos “bailes ficha” em que os profissionais ficam dispostos na festa e as parcerias ocorrem por meio da aquisição de fichas para danças avulsas, em Natal é comum – salvo rara exceção – a contratação de profissionais com exclusividade por toda a festa, com agendamento antecipado e/ou até uma contratação contínua ao longo dos dias de festas. Segundo observação e relatos espontâneos: “o dançarino dela”, “a contratante do dançarino fulano de tal”, portam-se como acompanhantes. Pôde-se observar que eles as acompanham, no mínimo, até a saída externa, ou seja, a saída até o carro. Observação conferida pelo caso da própria pesquisadora nos dias da contratação.

Dentre os locais de ocorrência da festa baile em Natal, destaca-se o *Gilson Buffet*, localizado nos bairros de Neópolis e Candelária, a *AABB* (Associação Atlética Banco do Brasil), em Tirol, o *Jiqui Country Club*, na Grande Natal (segundo relatos em campo), entre outros. Apenas os três primeiros foram visitados para realização dessa pesquisa, em dias de segunda-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado. A certa altura, foi então eleito o *Gilson Buffet* (situado no bairro Candelária), às quintas-feiras, para fixar a participação, onde ocorreram as últimas quatro visitas da pesquisadora, do total de oito. Além de diversas conversas por telefone com o dançarino sobre a rotina das festas, por iniciativa própria dele.

Importa ressaltar que em todos os lugares visitados, há a presença repetida dos mesmos personagens. Por exemplo, aquele que foi visto, ao sábado, no *Gilson Buffet*, em Neópolis, pôde ser encontrado, à quinta-feira, em Candelária, ou na *AABB*, à segunda-feira. Nesse sentido, foi comum ouvir de algumas mulheres comentários sobre outros participantes que circulam por ali, como sendo figuras marcadas. Bem como, comentários sobre a festa do dia tal, se estava boa ou ruim. Em suma, são frequentadores que se conhecem entre si.

O próprio “Major” fora visto, à distância, depois do episódio mencionado na seção anterior. Entretanto, não mais abordou a pesquisadora após aquele evento, talvez porque ela estivesse na companhia do dançarino, ou porque ele próprio estivesse acompanhado, ou mesmo por ele supor alguma conclusão sobre a tentativa de interação com ela. Apenas conjecturas, uma vez que ela fora outras vezes sozinha. A aposta maior é de que a reação dela o deixou confuso. Pois uma “mulher do seu tipo”, muito provavelmente, teria respondido em tom equivalente à abordagem.

È importante sublinhar que o termo “festa baile” nunca fora ouvido durante a observação no campo de pesquisa. O conhecimento dessa expressão, bem como, o seu emprego se deu a partir de leituras a respeito e matérias na imprensa. A própria *AABB* anuncia as festas dessa forma, através de *folders*. É como se ali as pessoas não se dessem conta de que àquelas festas é atribuído esse tom conotativo. Usam apenas o termo “festa”.

O *Gilson Buffet* é uma casa de eventos, shows e bailes, que existe em Natal/RN há trinta anos, cuja matriz localiza-se no bairro de Neópolis, zona sul da cidade, espaço capaz de acolher, umas mil e trezentas pessoas. Uma filial, localizada no bairro de Candelária, na mesma zona, em frente ao Estádio Arena das Dunas, com capacidade para acomodar até trezentas pessoas. Ambas apresentam ambientes climatizados, com sugestiva sofisticação⁹. Segundo esta fonte, deu-se início com a “Quinta do bolero”, festa realizada às quintas-feiras; às sextas, com shows de grandes artistas locais e, aos “Sábados *Vip*”, o local traz uma atração nacional uma vez por mês.

O espaço dispõe de festas três dias por semana: quinta-feira, sexta-feira e sábado. Já nas segundas-feiras e na primeira sexta-feira de cada mês, o mesmo estilo de festa acontece na *AABB*. As festas consistem em bandas de músicas que tocam ao vivo (normalmente, mais de uma) durante a noite (das 21:00h. às 02:00h.; e nas quintas, das 20h. à meia-noite) para animar a festa, amplo espaço para danças, iluminação discreta, mesas arrumadas pelo salão, com oferta de serviços (salvo uma exceção, garçons sempre homens), *menu* básico, bebidas e alguns petiscos, dependendo do local.

O público que compõe a festa é majoritariamente feminino. Por uma visão panorâmica, a olho nu, dir-se-ia uns 70%. Entretanto, não houve estudo quantitativo, mas os vídeos disponíveis no site da casa¹⁰ podem ilustrar esse dado. Os homens, a maioria acompanhada e os que não estão, é uma minoria que fica circulando em passos lentos, sondando os movimentos na festa, principalmente, os das mulheres cujos fluxos parecem ser mais as idas e vindas aos toaletes.

Quanto à indumentária observada ali, a das mulheres tende a ser mais clássica ou um casual mais refinado (vestidos, saias e blusas, calças, em torno do tipo “alfaiataria”). Considere-se, há uma infinidade de tipos de roupas femininas em tal universo de estilos, mas importa destacar, que comumente, elas não usam *jeans*¹¹ para frequentar a festa, detalhe ligeiramente destoante da pesquisadora, que usara na festa, digamos, uns *jeans* nuançados

⁹ Informações obtidas no site do Gilson Buffet: <http://www.gilsonbuffetrn.com.br/>. Acesso em 28 JUL 2015.

¹⁰ Vídeo “EVENtos”, in: <http://www.gilsonbuffetrn.com.br/#!/shows/c1uy6>. Acesso em 19 SET 2015.

¹¹ Entendido aqui como um estilo mais versátil de vestir.

(com matizes e combinações diversas), e que não se ocupou em elaborar um estilo proposital. Ressalte-se, que essas características foram mais bem percebidas em dias deslocados do final de semana (às quintas-feiras e segundas-feiras).

As mulheres da “festa baile” apresentam uma aparente meticulosidade com a composição estética: usam os cabelos escovados, na maioria, curtos ou pela altura dos ombros e, muitas vezes colorados artificialmente, em nuances que vão do castanho claro ao louro. Usam maquiagem acentuada no rosto, realçando, principalmente, o contorno da boca e dos olhos. Usam as unhas esmaltadas de variadas cores: das mais tênues às mais vibrantes, dos tons que vão dos vermelhos aos de azuis, acessórios como relógio “finos”, pulseiras, brincos e colares; bolsas pequenas de mão ou a tiracolo. Suas roupas, especialmente as dos grupos mais assíduos e que contratam dançarinos, são incrementadas com algum brilho e traços sofisticados, muito embora, de cores mais sombrias. Outras, em menor incidência, são mais despojadas e usam peças comuns, como as usadas na ida a qualquer lugar.

Os sapatos usados pelas contratantes são de altura média (pode-se considerar um salto de 5cm baixo e um de 12cm alto). Já as demais mulheres são tendenciosas a usar os de salto altos. Os rasteiros (sem salto) são muito raros ali, mas é possível de se encontrar em dias de grande público. Considere-se, em geral, são muito variados, Marília, por exemplo, usa-os extremamente altos. Além de toda a sua indumentária ser bem marcante, do perfume às “joias”, dos vestidos aos sapatos e bolsas. Toda essa descrição aponta apenas uma tendência, não é possível generalizar, devido à diversidade própria dos agentes sociais.

Já entre os homens, observa-se que a indumentária é mais descontraída, despojada. Eles usam, regularmente, calças *jeans* e variados tipos de camisas: mangas longas ou curtas, básicas, esportivas, sutilmente coloridas, com pequenas listras e xadrezes. Raras são as cores vibrantes: vermelhas e fortes estampas. Bem como, os mais variados tipos de camisetas, mangas longas ou curtas; *polo*, *t-shirt*, simples, ou mais incrementadas. Frequentemente, os cortes de cabelos são convencionais, sem um diferencial maior que chame a atenção. Exceto por dois dançarinos que se destacam ao adotar cabelos longos, comumente, presos ao estilo “rabo-de-cavalo”. Quanto aos sapatos, nada que chamasse a atenção, parecem os mesmos que usam no dia a dia.

Quanto aos dançarinos, salvo raras exceções, nada nas suas vestimentas os diferencia como profissionais (ao contrário, nesse sentido, caberia razoáveis ajustes), exceto pelas suas habilidades na dança, enquanto dançam. Entretanto, pode-se observar uma rara exceção, um dançarino que por vezes veio à festa usando calças e camisa tipo social e um elegante colete, compondo tom sobre o tom. Outro, que costuma usar um corte de cabelo mais realçado,

formando um pequeno topete. Todavia, supõe-se, que todos ali sabem quem os são. Entre eles, tem-se a impressão de que há um código de pertença. Sutilmente, trocam sinais, cumprimentos, toques. Jamais se dirigem a contratante um do outro. O que parece pertencer ao *habitus*¹² masculino, o qual se estende ao profissional dali. Uma cumplicidade que não foi visível entre as mulheres. Essas, fora de seu pequeno círculo, olham-se de modo espreitado.

¹² Segundo Pierre Bourdieu (1998, p. 61). “o *habitus* é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em ação [...]”.

2 BIOLOGIZAÇÃO DO GÊNERO E O MUNDO SOCIAL

Neste capítulo buscou-se compreender a construção biologizada do gênero e, por conseguinte, as definições de papéis sociais provenientes dessa estrutura, isto é, a maneira como isso transborda em todas as esferas das relações sociais, tendo como aporte o estudo de Bento (2012); realizar uma leitura sobre a dinâmica da família no Brasil, nos termos da obra *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*, Almeida (et al. 1987), bem como, um breve panorama das mudanças sociais em âmbitos diversos.

2.1 Gênero: biológico ou cultural?

No decorrer da história humana e das suas relações sociais os gêneros foram assentados em identificações, as quais ancoram uma sólida oposição e segmentação binária entre o masculino e o feminino referenciado no sexo biológico. Esse fator apresenta o mundo que nos cerca, delineado a partir da classificação em gênero, cujos papéis irão fazer referência ao universo de expectativas sociais e ajustar as distintas condutas que cada pessoa deverá adotar ou manifestar de acordo com o sexo e se estruturar uma suposição de comportamentos, a partir dos dados corpóreos: socialmente se supõem que a vagina e o pênis são os lugares definidores das identidades de gênero. Logo, a vagina seria a expressão da feminilidade e o pênis, a materialização da masculinidade.

Dessa forma, desde o nascimento já se encontram imprimidos os estereótipos que atravessam a constituição da subjetividade e os modelos que darão sentido ao gênero, bem como, o contorno da vida social dos sujeitos. Nesse sentido, perceber tamanho domínio e pleitear qualquer nível de mudança, faz-se necessário que haja uma demanda individual, suficientemente forte, por meio da qual se transponha as barreiras construídas, antes, no nível ideal e podendo se desdobrar ao nível estético, ou seja, da vida prática.

Essa concepção generificada do mundo faz parte de um princípio de categorias de percepção de pensamento humano (BENTO, 2012) resultante da coadunação de estruturas, que são construídas tanto interna quanto externamente ao indivíduo, fazendo assumir certa aparência de espontaneidade e naturalidade das identidades e relações de gênero. A autora afirma a partir, do aporte teórico durkheimiano, que assim como a noção de tempo e espaço são categorias estáveis do pensamento humano, que embasam a percepção de mundo de cada indivíduo, a noção de gênero é igualmente estruturante dessa percepção e opera como uma bússola definidora de sentidos.

Ainda, segundo Bento (2012), é possível que a categoria gênero seja uma das mais primárias na construção das identidades, não sabendo, ao certo, o momento em que alguém aprende que o seu aparelho genital é determinante do seu comportamento. Dessa forma, o gênero se traduz em uma estrutura de pensamento classificatória construída em meio social, mas que da forma pela qual se confere, é entendida como um processo de ordem natural materializada no aspecto biológico da genitália.

Bento (2012), ao analisar o contexto em que se iniciaram os estudos de gênero, aponta que até duas décadas atrás o “estudo de gênero” era sinônimo de “estudo da mulher”. E, embora se tenha empreendido estudos que chamam a atenção para o caráter diversificado e complexo que atravessam as relações de gênero, falta, ainda se pensar em como cada gênero firma sua identidade na interação com indivíduos do seu próprio gênero.

Ressalta ainda que tal dilema encontra fomento na dificuldade dos próprios estudiosos em irromperem as “estruturas mentais inconscientes” (BENTO, 2012, p. 52) às quais integram o gênero como categoria universal a partir de um olhar referenciado e analisá-lo sob novas lentes e de forma distanciada para além da classificação social binária homem e mulher. Seria alguma coisa como estudar um idioma novo sem se transportar do seu idioma nativo. Caso em que muitas nuances seriam perdidas e, por conseguinte, perturbados os sentidos, pois aprender um novo idioma demanda certo grau de interpretação dos símbolos pertencentes ao seu universo de significados.

Essa nota não pretende iniciar uma discussão sobre metodologia, mas apontar a dimensão e complexidade permeada pela construção das identidades e compreender o que imbui a percepção da mulher como um ser diferenciado, pois ao passo que se define o gênero masculino e feminino, define-se também o lugar no mundo para cada qual. Bem como, o grau de inteligibilidade segundo a sua relação com o outro. E, que tal dificuldade pode ir além do senso comum.

A maneira como se aprende o que é ser masculino e feminino é uma verdade que se constrói de maneira tal, que ela germina em forma de expectativas dos próprios genitores e do contexto simbólico que os entorna, antes propriamente do que o indivíduo. Ainda no ventre, o ser humano existe de forma inteligível a partir da informação do sexo biológico definidor do masculino e do feminino Bento (2011). Quando a criança nasce, é recebida por um universo de símbolos, cujo aparelhamento irá ensiná-la a ser menina ou menino.

No alvorecer da sua vida, a sociedade ensina, através de tais símbolos e por inúmeros instrumentos institucionais como a família, a escola, a igreja, por exemplo, as diferentes posturas, valores e funções entre homens e mulheres. Dessa forma, os papéis que eles irão

desempenhar socialmente são produto de noções construídas histórica e culturalmente, e que irão se relacionar diretamente com os níveis de relação entre ambos, em que as segundas desenvolvem atitudes de subordinação aos primeiros. Sobretudo, tal engenho social vem implicar nos níveis de inserção das mulheres e outras identidades de gênero em esferas mais abrangentes das relações sociais, política, econômica, profissional e social de toda monta.

Através dos tipos de brinquedos, das cores e modelos das roupas, do ambiente infantil, das falas dirigidas e todo o aparato do mundo do novo ser, já se apresenta em correspondência a cada “gênero”, onde a criança é ensinada qual é a sua “natureza”. Qual seja: do que ela gosta, o que ela sente, como ela sente, o que ela anseia para o seu futuro. À criança é ensinada a verdade que será inculcada e reproduzida ao longo de sua vida em forma de ideais, valores, escolhas e comportamentos.

O brinquedo mais lúdico que estimula o raciocínio lógico, a competitividade, a coragem, a liderança (os jogos, as máquinas, as armas, os carros) é feito para o menino, vislumbrando a sua atuação no mundo exterior, da “rua”. À menina, são atribuídos os brinquedos que inspiram o senso do cuidado, à educação, à afetividade, à sensibilidade (bonequinhas, itens do interior da casa, roupinhas de enfermeiras, professoras, mães), atribuídos aos papéis a serem desempenhados no mundo interior, da “casa”. O que será reproduzido em forma de um modelo universal de ser homem e mulher.

Segundo (BENTO, 2011, 551) “essa pedagogia dos gêneros hegemônicos” opera no sentido de produzir ou educar os corpos com referencia heterossexual com eficiência na mútua complementariedade, fazendo conceber tal aprendizado como sendo um engenho da natureza. Como sendo o produto de disposições biológicas inerentes ao gênero correspondente ao masculino e/ou ao feminino. Como exemplo de gênero aprendido culturalmente a autora cita Margarete Mead e seu estudo dos Mundugumor¹³, que além de apresentar uma estrutura familiar diferenciada, pode-se observar um contraste do modelo hegemônico em questão, em cuja cultura não há, por exemplo, vínculo de afeto entre mãe e filha ou ainda, a “vocação” feminina para o cuidado da prole. Tampouco, há contraste no comportamento de homem e mulher no que se refere ao ser violento ou dócil, competitivo ou passivo.

Frustrar tal perspectiva implica, na visão da autora, em colocar-se à margem da norma, e em última instância colocar-se à margem do que se caracteriza até como ser

¹³ Os mundugumor estruturam as famílias em *cordas*: “uma corda é composta de um homem, suas filhas, os filhos de suas filhas, as filhas dos filhos de suas filhas; ou se a contagem começar pela mãe, a corda é composta de uma mulher, seus filhos, as filhas de seus filhos, os filhos das filhas de seus filhos, e assim por diante” (Mead *apud* BENTO, 2012, p. 67).

humano¹⁴ propriamente. O que acarreta em um mal-estar, para dizer o mínimo, não só da mulher, mas do homem e de outras identidades de gênero, tais quais: gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, entre outras (identidades que não estão desenvolvidas neste trabalho), e em última análise, de todo o conjunto social.

Para Bourdieu (2014) a diferença biológica entre os corpos masculinos e femininos, substantivada através do sexo, encerrada na *anatomia* do aparelho sexual é assim tomada como justificativa da diferença de gênero construída socialmente, como sendo de ordem da natureza. E assim afirma:

[...] a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registro de propriedades naturais, diretamente expostas à percepção, é produto de uma construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas, ou melhor, através da acentuação de certas diferenças, ou do obscurecimento de certas semelhanças. A representação da vagina como um falo invertido [...] obedece às mesmas oposições fundamentais entre o positivo e o negativo, o direito e o avesso que se impõem a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas (BOURDIEU, 2014, p. 23).

Assim como Foucault já afirmara que a questão quanto ao que somos, há tempos nos foi colocada em relação ao sexo. E, não se trata do sexo a partir de uma investida biológica *sexo-natureza*, mas a partir de uma investida histórico-discursiva, *sexo-história*, *sexo-significação*, *sexo-discurso*. Suas palavras:

Não devemos enganar-nos: sob a grande série de oposições binárias (corpo-alma, carne-espírito, instinto-razão, pulsões-consciência) que pareciam referir o sexo a uma pura mecânica sem razão, o Ocidente conseguiu não somente anexar o sexo a um campo de racionalidade, o que sem dúvida nada teria de extraordinário, tanto nos habituamos, desde os gregos a esse tipo de “conquista”; mas sobretudo colocar-nos, inteiros – nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história – sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo”. (FOUCAULT, 1977, p. 76).

Portanto, uma ordem suficientemente forte para alicerçar um empreendimento social que irá marcar as diferenças e divisões nos diversos segmentos da vida a partir de matrizes universais. São divisões que engloba tanto a ordem prática e material na divisão social do trabalho, que separa os papéis, quanto à ordem cognitiva e simbólica que funda a elevação da honra masculina a partir da virilidade, do *falo*¹⁵, sobretudo da sua proeminência genitora que a mulher deverá brindar com a sua aptidão à fecundação.

¹⁴ Ler: Berenice Bento, “Quem tem direito aos direitos humanos”.

¹⁵ Importância jactanciosa da experiência sexual masculina Giddens (1993,p. 10).

Deve-se ressaltar, entretanto, a transitoriedade de tais papéis que se tem observado no mundo ocidental, atualmente. As mulheres cada vez mais intensamente, desempenham papéis tradicionalmente masculinos, ditos do mundo da “rua”. Sem ir muito longe, no que tange as esferas de atuação da mulher, quando se poderia imaginar, em tempos, anteriormente remoto, a mulher atuar em obras de construção civil, por exemplo? A mulher contratar um parceiro masculino para a dança e/ou simplesmente acompanha-la na “festa baile”, conforme observado nesta pesquisa? E os homens, por seu turno, cada vez mais participam do mundo da “casa” seja dividindo tarefas, seja assumindo, propriamente, os afazeres a ela concernentes.

Ressalte-se, todavia, que transitoriedade aqui não significa descontinuidade, simplesmente, mas uma descontinuidade nuançada, pois, como se poderá analisar nos relatos apresentados no Capítulo 3, foi demonstrado forte preservação do modelo hegemônico tratado. Nesse sentido, o que se pode perceber de fato é uma tensão contínua, um diálogo, um elo que não se desfaz entre o modelo ideal e as inovações que se adaptam continuamente nesse processo de mudanças. Visto que essas novas posições são vivenciadas e debatidas como algo ainda inusitado, como se tivessem que ser reafirmadas o tempo todo.

As próprias notícias na mídia demonstram esse elo ao tratar das profissionais femininas, na construção civil, sempre em comparação com os profissionais masculinos. “Elas se misturam aos homens com naturalidade e em condições de realizar as tarefas com tanta competência quanto os trabalhadores”¹⁶. “Mulheres na construção civil mudam cultura do canteiro de obras, diz engenheira”¹⁷. Nas quais, pode-se observar, portanto, a “necessidade” de se ressaltar a diferença entre ambos, isto é, o lugar de cada um – portanto, o feminino deslocado – a partir do seu *gênero*, e o estranhamento a tal realidade.

Nesse sentido, compreender a existência de um *habitus* é crucial para compreender tal hesitação, pois ele funciona enquanto acionador daquilo que foi inculcado nas estruturas cognitivas do indivíduo pelo ambiente social externo, processado pela sua própria subjetividade. Isso faz com que o indivíduo, seja ele dominador, seja ele dominado, venha reproduzir a reflexão sobre sua realidade a partir de discursos comuns, na medida e em níveis de compartilhamento de um *habitus* comum.

¹⁶ Murilo Barroso, Revista Demografia. In: <http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/48/artigo279776-1.asp>. Acessado em 05/09/15.

¹⁷ Alana Gandra – repórter da Agência Brasil. In: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-04/projeto-mao-na-massa-abre-vagas-para-mulheres-em-cursos-da-construcao-civil>. Acessado em 05/09/15.

Bento (2012, p.112) explica a construção do *habitus*, “sistema de disposições duráveis” a partir da *socialização primária*¹⁸, fase em que o indivíduo é inserido no conjunto social que o entorna, e participa de um processo dialético entre uma realidade simultaneamente, objetiva e subjetiva. Ou seja, o indivíduo constrói sua identidade a partir de uma reflexividade sobre uma realidade concreta e outra que lhe fora apresentada e inculcada como sendo ou não, própria a ele. E o resultado disso é uma prática social refletida a partir dessa relação hesitante entre uma situação concreta e certo *habitus* social. O que irá, em alguma medida, pois passa pela subjetividade de cada qual, ser reproduzida seja para produzir mudanças, seja para referenciar suas ações dotadas de sentido.

Tal dispositivo ajuíza a construção da *masculinidade hegemônica*¹⁹ congregada na infância. A análise de Bento (2012) aponta que tal ideal alicerça as mais diversas arenas sociais, da política ao esporte e funda-se em um senso de competição, reafirmação e, por conseguinte, uma avidez pelo bem-sucedido. Em que, ela própria (masculinidade) é sinônima de obtenção e detenção de poder, constituindo-se em referência para se avaliar outras formas de masculinidades.

Como se pôde perceber no capítulo anterior isso se revela na expressão do Major, enquanto sua primazia em revelar seu título, suas habilidades, sua experiência e “perspicácia” em interpretar tipos de pessoa apenas por uma visualização distanciada. Pois, sequer necessitou estabelecer uma conversa mais demorada para fazer seu ajuizamento. Este estava pronto! Nele! Supõe-se convicto da sua preponderância, enquanto gênero masculino. E nesse sentido é possível identificar o que Bento – inspirada em Bourdieu – chama de “capital de gênero”, acionado no capítulo III.

Segundo a autora o “capital de gênero” confere ao homem a prerrogativa de, em alguma medida, em alguma circunstância, impor seu poder a uma mulher, ou qualquer que seja o gênero considerado diferente do seu, independentemente de outros aspectos bioculturais²⁰, socioeconômico, englobados na *masculinidade hegemônica*. Dessa forma, o poder do “macho”, salvo seus matizes marcaria sua presença nas diversas fragmentações sociais.

¹⁸ Ver: A Interiorização da Realidade. in: **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento [por] Peter L. Berger e Thomas Luckmann; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.

¹⁹ A capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade (BENTO, 2012, p. 87).

²⁰ Esse termo faz referência a traços biológicos que diferenciam as pessoas, como por exemplo: extremo-oriental, indígena e africano.

2.2 Família: um espartilho social

A pesquisa de Bento, “Homem não tece a dor”, revelou a identificação da família como um modelador da *masculinidade hegemônica*. Nesse sentido, a família fornece ao indivíduo a primeira sensação de proteção, assistência, educação, contribuindo para o seu global desenvolvimento; físico, psíquico e emocional. Ela é a estrutura sobre a qual o indivíduo inicia a construção de sua personalidade formatada para alcançar o seu lugar no mundo.

A família desempenha a função primordial na reprodução do espectro e *dominação masculina*; “é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem”, Bourdieu, (2014, p. 103). Somente no contato com o universo público essa construção é miscigenada à multiplicidade confrontada na *socialização secundária*²¹ dotada de um repertório de conhecimentos complexos à medida que cada sujeito assim o é inserido e/ou inclinado.

Teorias dão conta de que a família é considerada, desde a Grécia e Roma antigas até a contemporaneidade – tendo em vista suas variadas formas e razões de se constituir, seja por pretextos econômicos, religiosos, seja por pretextos subjetivos – a base para a sociedade. Nos tempos mais antigos a fragmentação de uma família era vista como um problema social. Ainda hoje, sua integridade faz parte de um ideal estético, cuja quebra, não deixa de ser problematizada, ou no mínimo, pontualmente lembrada, quando assim ela se apresenta. E, em medidas variadas, ainda recai sobre a mulher o ônus de sua manutenção.

Mesmo quando fora, paradoxalmente, o amor romântico substanciado no casamento, o pilar na formação da família *nuclear burguesa* europeia na virada do século XIX, a mulher estivera submetida ao papel de esposa, cuidadora e mãe. Ao homem, por sua vez, era concedida a liberdade social e sexual. Segundo Almeida (1987) tal modelo de família tinha como marca, a austera separação do espaço produtivo ou público e o espaço privado. Bem como, era pensada em torno da tríade pai-mãe-filho, portanto, base de toda elaboração psicanalítica edipiana, e, do emblemático elemento da *natureza* feminina, problematizado na seção anterior.

Preceituada na soleira da *revolução burguesa* tal modelo de família dera conta da igualdade dos homens perante a lei, todavia, da *natural* diferença da mulher, que então se

²¹O conceito refere-se à “interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições. A extensão e caráter destes são portanto, determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento”. Bergman e Luckmann, (1985, p. 184/5).

dava, não mais por ordem *real* ou *divina*, mas, por ordem da natureza, portanto, indiscutível. Já o sêmen da *família patriarcal* situa-se na *antiguidade clássica*, na abertura entre a organização gentílica e a organização estatal (nação organizada pelo Estado). Nessa estrutura familiar, “a esposa e filhos compunham, juntamente com escravos, agregados, gado e todos os outros bens móveis e imóveis, o patrimônio do *pater familias*” Almeida, (1987, p. 58). Em tal seara, *propriedade privada* e *patriarcalismo* são domínios avidamente favoráveis à apropriação de seres humanos, à escravidão, cuja sexualidade do patriarca é transbordada para além de suas fronteiras.

O ideal de família burguesa, que segundo a autora não deixa de ser patriarcal, na medida em que abnega a mulher à autoridade do marido, chega ao Brasil onde a realidade nada tinha a ver com seu lugar de origem. Isto é, aqui não havia uma sociedade burguesa emergida da revolução e sim, igual a de antes desta, uma sociedade colonial, fundada no latifúndio exportador cuja força motriz era o trabalho escravo. De modo que no Brasil-Colônia ela é assentada na inspiração patriarcal: rural, escravista e poligâmica cuja ética assegura ao homem branco o direito às relações sexuais de toda monta, e às mulheres a castidade e fidelidade.

Tornou-se notória a visão de que esse modelo de família tivera sido uma espécie de “célula básica da sociedade brasileira” – defendida nas obras de Gilberto Freyre (1933), e Sergio Buarque de Holanda (1936) – a qual iria atravessar todas as dimensões sociais. Na política clientelista, nas relações de trabalho, de poder apoiadas no favor e na violência, empoeirando a premissa dos direitos individuais, em cujo pantanal assenta a mulher branca, a ascendente da esposa na família conjugal e a mulher negra, da “mulher da rua”, da puta” Almeida (1987, p. 66). Para a autora, essa matriz de família patriarcal iria fornecer inspiração para outras formas de organização familiar, seja a dos escravos e homens livres, seja a “família conjugal moderna”. Dessa forma, o ideal de família nuclear burguesa funde-se com o ideal patriarcal formando um referencial de “família brasileira”.

Velho (1987, p. 80) concebe a família como um instrumento essencial no “processo de socialização da subjetividade”, mas questiona: de que família se está falando? Visto por ele que não há um tipo rígido de família, esta irá se moldando, sem contudo, perder-se dos limites de combinação na sua estrutura e certas especificidades. Para o autor, não se vê por aí, na contemporaneidade, uma família patriarcal nos termos de Freyre, principalmente, no universo urbano das camadas médias, entretanto, pode-se encontrar uma memória, um traço desta. Fato grandemente percebido no campo desta pesquisa, na essência de alguns discursos mostrados no capítulo I e III, como por exemplo, no discurso do Major e de outros da “festa baile”.

Leila L. Barsted (1987) ao fazer uma análise da família em termos jurídicos no Brasil, constata que ela, pensada sob a ótica da legislação, não reflete a forma de relação do grupo, mas remete a um código de conduta vertical de dominação que entrelaça a definição de poder marital e paterno, legitimidade dos filhos e regência do patrimônio, onde a relação entre os sexos é ponto focal. Nesse sentido, ressalte-se a anterioridade à nova constituição brasileira (1988), a relação entre pais, filhos e cônjuges, a forma estrutural do casamento e regime de bens transcende a função normativa e alcança uma função valorativa ao passo que constitui o casamento civil como critério legitimador de grupo familiar, não prevendo amparo legal a outras formas dessa organização.

Ainda segundo a autora, além do elemento da hierarquia, em cuja chefia era de um homem, o caráter punitivo do adultério e da bigamia, a mulher perdia parcialmente sua cidadania, ao passo que sua habilidade civil era mediada pelo marido. Situação que perdurou até meados do século XX. Com o “Estatuto da Mulher Casada” desembocando na Lei do Divórcio, em 1977, e um redesenho por meio da legislação com a Constituição Federal de 1988, que entre os pontos fundamentais, assegura os direitos individuais, independentemente de sexo, cor da pele, idade ou quaisquer outras formas de discriminação, reelabora-se mecanismos de legitimidade para outras formas de configuração de família.

Para além desse delineamento jurídico sobre a família, não deixara de existir disposições familiares informais, relações conjugais consideradas à margem do crivo legal do casamento civil, os então chamados *concubinatos*, (o *concubinato* mantém-se na legislação brasileira, porém sob revisados e restritos critérios, a saber, os relacionamentos incestuosos e/ou adúlteros) desdobrando-se na Lei 9278/1996, que vem regulamentar a união estável, isto é, o convívio duradouro e publicamente conhecido entre um homem e uma mulher como forma de constituição familiar, bem como, o reconhecimento legal de uniões entre pessoas homossexuais, ou do mesmo sexo, Claudia R. Nichnig (2013).

Ao contrário da *família nuclear burguesa* nas suas premissas, a “família brasileira”, na visão de Roberto Da Matta (1987), reluta em separar o domínio público do privado. Nesse sentido, traz exemplos dos casos de nepotismo (no governo Sarney), bem como a percepção que se tem sobre as leis formais. “A lei, assim, é um ideal, ao passo que as regras da lealdade aos amigos e às pessoas da casa em geral fazem parte da realidade [...] aqui, as leis são sempre aplicadas contra quem ainda não se mostrou relacionados aos poderosos” (DA MATTA, 1987, p. 122).

O autor ainda concebe a família, dentro desse contexto, sob a ótica de uma noção de valor. Apropria-se, então, do caráter valorativo da família, também percebido por Barsted

(1987) demonstrando que, continuamente, os preceitos ali norteadores são reafirmados e revalidados. Nesse sentido, quando se ouve a máxima, Joana “é uma qualquer”, não se compara à Maria, que “é uma moça de família”, destaca-se o valor de Maria e, por consequência, sua respeitabilidade, em detrimento de Joana na sua condição contrastante.

Portanto, diante do exposto, pode-se perceber duas nuances interessantes. Uma, é o acionamento de um *habitus social* frente a uma realidade concreta, de que se falou na seção anterior. A seguinte é uma espécie de compensação à mulher assentada em condição “favorável” ou recatada e, por conseguinte mais submetida, e, uma espécie de punição à Joana, por apresentar alguma diferença, seja na sua condição social, seja na sua autonomia subjetiva. A lógica é que, conforme Da Matta (1987, p. 133) essas duas mulheres são como “faces da mesma moeda”. Isto é, são intrinsecamente complementares nesse dinâmico movimento social fundada nesse modelo de família, em que o *status* de uma sustenta o da outra.

2.3 Mudanças sociais: uma sugerida tensão

Não obstante, a inerente operância da identidade de gênero nas “estruturas mentais” dos indivíduos, homens e mulheres, são visíveis as significativas mudanças que essas relações têm passado a partir de meados do século XX (BENTO, 2012, p. 55). Contudo, importa considerar a que passos caminham tais mudanças, ante as persistentes desigualdades em esferas de poder e, em certa medida, nos níveis de conflitos no interior das relações de gênero em esferas subjetivas, tanto quanto, nas relações entre indivíduo e sociedade. Portanto, são mudanças, que se tornam mais ou menos visíveis, segundo a sua natureza também subjetiva.

A autora realça as transformações sociais em dimensão macro, as quais ocorreram no Brasil, em torno da década de 1950, mostrando como isso viera interferir em outras esferas das relações sociais, em que o processo de industrialização desdobra-se em uma realidade social demandada da emergência de novas categorias de empregos, ampliação e novas especialidades, o que provocou nos indivíduos uma corrida às grandes cidades e às universidades. Movimento que não se restringiu aos homens, ou ao âmbito profissional e econômico, mas às mulheres e aos âmbitos político, artístico, dado que viera germinar num terreno propício a articulação de novas formas de relação entre os gêneros.

A universidade dera espaço à construção de comportamentos sob códigos novos, que confrontara com um universo simbólico da geração anterior, a qual dava contorno ao então ideal de relações sociais. Quais sejam: os papéis no interior da família; a pureza sexual

feminina, definidora de seu valor primordial; a associação entre sexo e procriação; valor assimétrico dos gêneros e seu caráter excludente (BENTO, 2012). Questões que vieram a ser debatidas no pleito à autonomia subjetiva de homens e mulheres, no sentido de que esses fossem artífices dos seus destinos e escolhas à revelia das normas dadas.

Todavia, o processo de mudanças na esfera subjetiva, mesmo para os homens, não ocorreu no mesmo ritmo das esferas adjacentes. Tampouco, foram isentas de conflitos com os modelos e padrões sociais postos e tradicionalmente aceitos. Como dito antes, as mudanças se apresentam como sinônimos de tensão, pois, segundo Bento (2012, p. 111), “descontinuidade significa que ‘áreas’ da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes” e que as novas escolhas passam por uma continuada reflexividade do eu, redundando em uma nova atitude, porém dialogada com a anterior.

Um momento notório no que tange aos debates sobre as relações desiguais de gênero em nível internacional, nessa virada de século, é a “Declaração de Pequim e sua Plataforma de Ação”, que a partir de uma série de Conferências anuais sobre as Mulheres, a de 1995, teve como cerne dos seus debates a “igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres”, questões que se coadunam aos esforços do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)²²

Em Maio deste ano, na conferência, *Mulheres e Inclusão Social: De Pequim para o pós-2015*, Helen Clark, administradora desse programa, apontou o presente ano como oportuno aos avanços na equidade de gênero, ressaltando a importância das políticas estarem a ser operadas, tanto em nível local quanto nacional, através das “lentes do gênero”. Pois, assim, poder-se-ia pensar na superação das históricas desigualdades entre homens e mulheres. Isso denota que a discussão sobre as relações de gênero e mudanças sociais, no que concerne às mulheres, são pautas do momento e os avanços, portanto, é ainda uma busca incessante.

Não obstante, o texto de conferência revela os avanços das mulheres, no que concerne aos empregos remunerados (alcançando em 2010 a proporção de 50%). Somado a um aumento, em todo o globo das matrículas em escola de nível básico e superior. Da mesma forma que, na participação política, a mulher tem avançado na esfera global. Em 1995, 11,3% dos parlamentares eram mulheres. Atualmente, a proporção é de 22,1%. Uma realidade muito aquém ao que se considera equidade de gênero, mas os passos estão sendo dados.

²² Rede de desenvolvimento global da organização das Nações Unidas, presente em 170 países, que estabelece parcerias em todas as esferas sociais no sentido de ajudar as nações a desenvolver capacidades de elevar sua qualidade de vida. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/Tags.aspx?tag=AgendaPos2015>. Acesso em 17 AGO 2015.

Apontar o crescimento da participação política da mulher na sociedade não significa desaparecer-se do apego às heranças incorporadas historicamente. Clark (2015) ressalta que ao se pensar em crescimento econômico abrangente a todos(as), é essencial que as mulheres estejam inseridas nas decisões que afetam suas vidas e possam superar as barreiras contidas nas práticas discriminatórias institucionalizadas, que as prende em situação de pobreza, que segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), engloba 70% das pessoas viventes abaixo desse nível.

No cenário brasileiro, ainda segundo a fonte supracitada, têm-se notícias de que as mulheres avançam nos estudos mais que os homens. Contudo, ainda estão menos locadas em empregos e recebendo menos do que eles, ao ocupar os mesmos cargos. Elas também assumem, em maior escala, as funções consideradas inferiores. Dados quantitativos de 2005 mostram essa realidade, na qual a proporção de mulheres empregadas em trabalhos formais (com carteira assinada) era de 26,7%, a de homens nas mesmas condições, era de 35%.

Salte-se para uma situação extrema, pois há muitos campos de atuação da mulher no país que poderiam ser elencados aqui, todavia, não cabe destrinchá-los. Muito embora o Brasil tenha hoje o mais alto posto, em termos de espaço público e político, ocupado por uma mulher, o de Presidenta da República, a participação feminina nessa esfera ainda é incipiente. Segundo o Portal Brasil²³, a Câmara dos Deputados assenta apenas 9% de mulheres e no Senado, 10%. No Poder Executivo o cenário não é diferente, das vinte e seis capitais brasileiras, apenas duas têm prefeitas mulheres (dados de 2014). Números que estão aquém dos 30% determinados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) em 2010.

Nesse percurso, pode-se ressaltar o pioneirismo do Rio Grande do Norte, que foi o Estado a eleger a primeira prefeita do Brasil: Alzira Soriano de Souza, em 1928, para administrar a cidade de Lages, antes até de o voto feminino ser instituído como um direito nacional, em 1932. Em 2011, com a eleição de uma governadora mulher, o estado obteve, concomitantemente, uma governadora, uma prefeita da capital e, em nível nacional, uma presidenta.

Segundo José E. D. Alves²⁴, a raridade das mulheres na arena política não decorre da aptidão delas em concorrer, mas da maneira como se organizam os partidos, pois em sua visão, estes são controlados por homens, limitando o espaço delas na estruturação de suas

²³ <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>. Acesso em: 09 OUT 2015.

²⁴ Professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE, José Eustáquio Diniz Alves, in: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>. Acesso em: 09 OUT 2015.

campanhas, diz o professor. A pesquisadora Marlize Matos²⁵ corrobora com a opinião de Alves, ao afirmar que aqui o delineamento partidário reflete o ideal patriarcal, e o processo político, como um todo, opera no sentido de desestimular as iniciativas da mulher nesse campo.

Entretanto, considere-se que só a partir da década de 1980, com o processo de redemocratização, a mulher começa a fortalecer os seus passos em direção ao rompimento de um monopólio masculino, seja na ocupação de cargos e espaços políticos, seja nas demais esferas de sua vida, seguindo, incessantemente, até aos dias atuais, pondere-se, houve significativos avanços. Qualquer grandeza que se queira mensurar, faz-se imperial considerar os referenciais, o ponto de partida.

Os avanços no campo da intimidade, tecidos por Giddens (1993) dão conta de um viés emocional que reveste essa transformação, abrigo de uma possível democratização da vida pessoal, revelando as mudanças protagonizadas pelas mulheres. O fenômeno da “sexualidade plástica” – desvinculada da função reprodutiva – viria a materializar o “relacionamento puro”, pressuposto de igualdade sexo-emocional, então inusitado para elas.

O autor afirma que o assentamento do “amor romântico” representa o sêmen desse processo, mesmo que por via dupla, ao passo que, define o papel da mulher no casamento, embora confira uma estabilidade emocional entre os pares, prescrevendo, inerentemente, as regras da relação. Na visão de Giddens (1993, p. 10), a “sexualidade plástica” dá contorno à personalidade e, portanto, relacionada ao eu, desatando a qualidade sexual da “regra do falo”. E tal fenômeno opera como interruptor de uma “história emocional”, típica das sociedades modernas, na qual os homens conservem suas aspirações sexuais divididas de suas identidades públicas. Dado que o faz desenvolver uma compulsividade sexual, voltada para o controle sobre a mulher, que concebe como perdido, fluindo para a violência contra elas.

A fim de fundamentar seu argumento o sociólogo mobiliza um estudo realizado por Lillian Rubin (1989, *apud* GIDDENS, 1993, p.18), sobre o histórico sexual de adultos heterossexuais, de faixas etárias distintas, o qual revelou um percurso de fortes mudanças nas relações entre homens e mulheres. Dado que, a vida sexual dos então jovens comparada à esfera dos jovens de décadas anteriores, os quais relatavam suas relações íntimas nos termos “avançar o sinal”, “se aproveitar”, critérios adotados de forma recíproca entre pares.

Vale sublinhar que, segundo a pesquisa, os homens contribuíam para a manutenção do modelo de relações íntimas daquela época. Como num jogo, ou seja, não deixavam de “se

²⁵ Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>. Acesso em: 09 OUT 2015.

aproveitar” daquelas, sexualmente dispostas (fator de elevação de seu *status*), ao mesmo tempo em que atribuía estimado valor àquelas que se resguardavam sexualmente para o casamento. Aspecto que sugere uma estratégia, por meio da qual, o dominador incita o atrito entre os dominados, nesse caso, entre as mulheres “puras” e as “vadias”. Por outro lado, de acordo com a pesquisadora, entre os jovens de então, o jogo se mostrava mais sutil, uma vez que, encontrava-se desprendidos de tais noções, encarando a vida sexual revestida de romance, compromisso, envolvimento fiel, no entanto, por uma perspectiva efêmera ou passível de transição. Ela ressalta que as mudanças observadas nesse sentido, eram protagonizadas pelas “garotas”. Os rapazes, embora em atitudes mais discretas, apontavam os amigos que mantinham relações sexuais mais frequentes, como admiráveis, ao mesmo tempo em que reprovavam as garotas que agiam de forma semelhante. Por conseguinte, as mulheres jovens ao se casarem, convinham-lhes omitir ou negar a dimensão real de suas experiências sexuais anteriores.

O estudo supracitado destaca a diversidade das atividades sexuais praticadas em todas as idades dos pesquisados, ou se as que estavam propensas a elas eram notórias na época mais recente. Em que pessoas acima dos quarenta anos quase não praticavam, em suas idades mais tenras, como por exemplo, o sexo oral. Dado que a proporção era de um em cada grupo de dez pessoas, aumentando sucessivamente com o passar das décadas seguintes (GIDDENS, 1993, p. 20).

Outro aspecto ressaltado é o fato de as mulheres estarem mais desimpedidas sexualmente era, em grande medida, aceitável por parte dos homens. Todavia, eles se mostraram queixosos quanto a elas, no que concernia ao seu “papel” em face da relação. Nesse sentido, os relatos davam conta de que as mulheres não mais eram aptas à bondade e à capacidade de fazer acordos. O que demonstrara uma aceitação apenas conjuntural, pois, em essência, ainda guardam certas atribuições às mulheres, como um maior ônus de responsabilidade para com os cuidados dos filhos. Isso denota a gradação inerente aos processos de mudança social.

Ainda sob a ótica da pesquisa de Rubin (*apud* Giddens, 1993, p. 21), embora os pares entrem no casamento com certa bagagem de aprendizado sexual, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, ambos carregam grandes expectativas sexuais do casamento, se comparado com as gerações anteriores. De modo que, o fator “prazer sexual” passa a valer como critério central para um casamento “satisfatório”. Isso viria a refletir em uma paridade entre homens e mulheres, também no que concerne às procuras sexuais extraconjugais.

No que concerne às mudanças no campo da afetividade, a mulher pensa em sua auto realização sob um prisma multidimensional que perpassa as esferas afetiva, sexual e profissional, Mirian Goldenberg (1990). E, dessa forma, vislumbra relacionamentos amorosos que possam ser construídos sobre pilares dialógicos e em consonância com tais valores, o que denota uma superação do arquétipo tradicional.

Portanto, o panorama apresentado revela uma dinâmica social que se desdobra desde a sua fonte, atravessa as estruturas institucionais e desemboca em uma dimensão da vida que se substancializa na completude do ser humano. O sentir-se pleno na sua dignidade, o ir e vir livremente, o fazer escolhas, o ser respeitado, independentemente da situação de cada um, seja socioeconômica, sexual, biocultural, ou mesmo, o referencial de gênero. Enfim, o sentir-se pleno como ser humano.

3 “VOCÊ PRECISA DE UM HOMEM PRA CHAMAR DE SEU”

Esta etapa vem a tecer uma análise qualitativa dos relatos e da etnografia. Para, com isso, tentar responder as questões levantadas a partir do problema de pesquisa, a se dizer: Qual a implicância da questão “gênero” no seu fluxo no espaço da “rua”? Em qual plano reside sua autonomia subjetiva? Qual o grau de concretude das mudanças sociais na vida das mulheres descasadas?

3.1 “Você está sozinha, por quê?”

Sei que você fez os seus castelos
E sonhou ser salva do dragão
Desilusão meu bem
Quando acordou estava sem ninguém!
Sozinha no silêncio do seu quarto
Procura a espada do seu salvador
E no sonho se desespera
Jamais vai poder livrar você da fera
Da solidão
Com a força do meu canto
Esquento seu quarto pra secar seu pranto
Aumenta o radio me dê a mão
Filosofia, poesia é o que dizia a minha avó
Antes mal acompanhada do que só
Você precisa de um homem pra chamar de seu
Mesmo que esse homem seja eu
Um homem pra chamar de seu
(*Mesmo que seja eu* – Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

Na década de 1980, Roberto Carlos e Erasmo Carlos²⁶ compuseram esta canção. Tanto eles quanto uma série de outros interpretes de grande sucesso (homens e mulheres) cantavam a proeminência do homem sobre a mulher. Ela, no seu “canto”, estaria confinada a ter um homem na sua vida, fosse ele bom ou ruim para ela. Pois, do contrário ela seria diminuída, sofrida, passível do desprezo social e chorosa no “silêncio do seu quarto”. Nessa concepção, a mulher sozinha é uma mulher incompleta, consumida pelo “dragão da solidão”.

Justamente uma década marcada por mudanças importantes no mundo, tanto na seara política quanto na social, dentre elas, respectivamente, a Queda do Muro de Berlim (marco na polícia mundial); o início da “idade da informação”²⁷ e tantas outras no Brasil, como o fim da

²⁶ Em: <http://www.vagalume.com.br/erasmo-carlos/mesmo-que-seja-eu.html#ixzz3cCx0WN98>. Acesso em 05 JUN15.

²⁷ A “Era da Informação” trata-se de um período inaugurado no final do século XX referente à dinamização dos fluxos informacionais pelo mundo. A Era da Informação ou era digital são termos frequentemente utilizados para

Ditatura Militar, o movimento pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente, no país (“Diretas Já”!), a promulgação da Constituição de 1988, que dentre outros fundamentos, fixou os direitos individuais²⁸. E, foi na década de 1980 que a história da família no Brasil fora contemplada com uma diversidade de temas que passaram então a ser discutidos, quais sejam: mulher, criança, sexualidade, educação Samara (1987).

Na festa baile, três décadas depois, seguramente, a frase mais ouvida por parte de homens e mulheres fora a seguinte: “você está sozinha, por quê?”. Em todas as festas observadas, essa pergunta era feita ao menos uma vez, exceto pelo dançarino contratado que, num comentário sobre duas mulheres, as quais, dançavam fazendo par entre si (cena rara na festa, mas foi observada uma vez), proferira não a pergunta, mas uma resposta: “homem tá difícil”!

Como já observado no capítulo 1, a atmosfera do lugar sugere isso. Sendo eles ali uma minoria, e destes, a maioria acompanhada, os que “sobram” agem e sentem-se os curingas no jogo. Ficam em pé com as mãos nos bolsos visualizando a festa, sutilmente, por todos os lados. Até que abordem uma mulher para dançar, ficam por certo tempo observando-as em suas movimentações, como se quisessem apurar mais e mais a “escolha” da noite.

Esses frequentadores, ao identificar o seu “alvo”, passam na frente deste uma ou mais vezes, como se quisessem perceber, de antemão, a repercussão de sua presença e o interesse que lhe é sinalizado, para então fazer uma abordagem assertiva em todos os aspectos. Sendo assim, em caso de recusa eles se mostram chateados e irritados. John²⁹, ao abordar a pesquisadora e não ser atendido, iniciou uma série de perguntas invasivas: “você veio sozinha por quê? O que você quer? Fala sério! O que você veio fazer aqui”? Em outro caso, o rapaz demonstrara-se desconcertado e retirou-se como se sentisse vergonha de receber um, “não, obrigada”, como resposta.

Em outra ocasião, em hora bem avançada na festa, um homem jovem, aparentando por volta de trinta anos, educadamente, veio até a pesquisadora e a convidou para dançar. Na

designar os avanços tecnológicos advindos da Terceira Revolução Industrial e que reverberaram na difusão de um *ciberespaço*, um meio de comunicação instrumentalizado pela informática e pela internet. PENA, Rodolfo F. Alves. In: <http://www.mundoeducacao.com/geografia/era-informacao.htm> . Acesso em 28 SET15.

²⁸ Art. 3º. IV fundamento: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. In: Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

²⁹ John é um homem de faixa etária em torno dos 40 anos de idade (ou menos), dissera ser publicitário, descasado, pai de um filho pequeno, com uma relação problemática com a ex-esposa. Usava *jeans* e camisa com mangas curtas, perfume forte, sem barba e cabelos com corte de estilo básico. Portava-se inquieto, ansioso, irritadiço.

recusa, pediu permissão para continuar conversando com ela. Permito, ele disse o seguinte: “eu estou observando você desde que eu cheguei, pensando que você estivesse esperando alguém, mas passado todo esse tempo, vejo que você veio mesmo sozinha. E, aí fiquei curioso. Por que uma mulher como você está sozinha na festa? [...]” (Vitor³⁰, festa baile, junho de 2015). Após certo diálogo em torno disso, Vitor pondera não haver, de fato, nada de errado naquela situação, apenas não havia refletido a respeito. Inclusive segue falando sobre a maleabilidade e ausência de um modelo rígido em seus relacionamentos.

Uma nota importante, pois como vem sendo mostrado aqui o *habitus* vai sobressair-se mais ou menos na medida em que o indivíduo “bota na balança” uma situação real e outra adquirida, incorporada. Nesse sentido, Vitor mostrara-se agindo diferentemente de John, que não consegue sequer dialogar refletidamente nesse espaço de coisas. Ora, se a mulher está na “rua”, sozinha, logo ela não “é de família”, ela não “é da casa”. Logo, ela não é digna de respeito. Nesse sentido, as mulheres os corroboram abdicando-se de saírem de casa, sozinhas, pois elas aparecem ao menos com uma “amiga”.

Note-se ainda, o descontentamento exacerbado do Major, visto no capítulo 1, quando profere um discurso acusatório e desqualificador e, por fim, elogioso. Ele bate e afaga: “quero conversar com você”! “[...] mulher do seu tipo é uma lascada”! “os homens não gostam de mulheres como você”! “[...] você é charmosa, diferente e sabe conversar” (Major, “festa baile”, maio de 2015). Segundo Saffioti (apud BENTO, 2012, p. 153): “[...] um dos traços que qualifica o ‘poder do macho’ é que para ele não importa que a mulher, objeto do seu desejo, não seja sujeito desejável, basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto”.

Não é possível negar que este tipo de “macho” predador apareceu na festa, pois John e o Major deram provas disso. Tampouco, é possível classificar os homens da festa baile como tal, visto que dentre as breves interações da pesquisadora com os homens dali, Vitor, por exemplo, trouxe à tona (em última análise) o que poderia se caracterizar como a *masculinidade crítica* Bento (2012, grifo da autora). A autora, que além de criticar a visão unilateral e universalista de Safiotti, aponta a partir de seu universo de pesquisa a convivência de outros tipos de masculinidade, inclusive, aquela cuja compreensão é reflexiva e nega, até com veemência, o modelo hegemônico.

Pergunta-se, portanto, como anda a comunicação entre homens e mulheres? O avanço das mulheres em seu empreendimento de liberdade subjetiva estaria sendo bem compreendido pelos homens? Estariam eles valorizando seu “capital de gênero”? Ou estariam

³⁰ Vitor é um participante esporádico da festa, fora encontrado uma vez apenas, aparentava ter por volta de 30 anos de idade, qual manteve um diálogo com a pesquisadora, em 11/06/15.

um tanto precavidos com essa proeminência feminina? Afinal, por suposto ela não depende mais da permissão dele para sair de casa; não depende mais dele para pagar a conta. E os arranjos ensaiados na festa – a atitude de Micca³¹ de seguir adiante sem par, sem atenção, sem consideração por parte dos homens (como descrita no segundo parágrafo adiante); a possibilidade de se contratar uma parceria para a dança ou para o que for, pois ela é quem decide – apontam para a autonomia subjetiva dessa mulher.

A esse respeito, o sociólogo inglês afirma o seguinte:

O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle começa a falhar, observamos mais claramente o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres. No momento, abriu-se um abismo emocional entre os sexos, e não se pode dizer quanto tempo ele levará a ser transposto. (GIDDENS, 1993, p. 11)

Por outro lado, poucas dessas mulheres fluem independente e livremente no salão, no sentido de se divertirem, aproveitarem a festa, as músicas, às amigas, enfim. As demais ficam na expectativa da formação de um par para a dança ou o que seja. Micca e Riva³² chegaram à festa e não havia mesas próximas ao centro do salão. A pesquisadora encontrava-se sozinha em uma mesa justamente ali, lugar agradável e ventilado. Percebendo a hesitação delas em irem ficar no fundo do salão, as convidou para ficarem à mesa com ela, se assim o quisessem e assim o fizeram.

Riva é austera. Falas curtas, nenhuma informação sobre si. Não demonstrou qualquer interesse de interação com a pesquisadora ou com quem quer que fosse. Permanecera toda a festa sentada à mesa (não houve convite para a dança). Ao se tentar comentar sobre as interações ali, ela fora incisiva: “Jamais contrataria um homem para passar uma noite comigo. Nunca vou pagar alguém pra ficar do meu lado numa festa! Não dá!” (Caderno de campo, Riva, junho de 2015). Já sua amiga Micca, que muito destoa de estilo dela, não parava quieta. Dançava sozinha, voltava à mesa, sempre sorridente. Falante, inquieta, nunca fora vista sentada à mesa, sempre transitando pela festa, “livre, leve e solta”, dançando por toda parte do

³¹ Micca é uma mulher de aparentemente 60 anos de idade, atitude de vanguarda, descasada, filhos adultos. Cabelos curtos, castanho claro (cor artificial), pele clara, rosto “lavado”, roupas completamente despojadas (por estar em uma festa) blusa bem folgada, modelo básico e às vezes coloridas, bermudas até os joelhos, sapatos ou sandálias, baixos ou rasteiras.

³² Riva é uma mulher que aparenta ter por volta de 50 anos de idade, é de atitude austera. Veste-se com sofisticação, roupas finas, joias (anéis, pulseiras, colares), bolsas e sapatos de alto padrão, cabelos escuros, meio-curtos, escovados, pele clara. Usa, notoriamente, maquiagem no rosto.

salão. Parecia sempre estar numa entrega total, como se tivesse pressa, gana de viver cada instante.

Contudo, ao estabelecer uma conversa, suas falas davam conta de suas queixas sobre os homens, sua experiência de casada e após a separação:

Os homens só querem dançar com as novinhas. Quando estão suados e elas não querem mais, eles vêm me convidar. Não quero mais, por isso danço sempre sozinha! Faço tudo sozinha: viajo, vou às festas, danço, me divirto. Quando me separei (depois de 20 anos de casada) passei dez anos chorando, até dizer chega! Agora vivo a minha vida. (Caderno de campo, Micca, junho de 2015).

Micca, ao mesmo tempo em que expressa seu desapontamento com relação aos homens que a ignoram, faz uma reflexão sobre uma dada situação oposta, uma vez que ela chamou a atenção da pesquisadora para o seguinte: “o rapaz mais interessante da festa não para de olhar pra você e você não dá bola, o que você quer? O que a maioria dessas mulheres quer aqui você está recusando. [...] amanhã quero que você me ligue, vou te fazer uma pergunta [...]. Não vou perguntar hoje. Amanhã!” A essa altura já houvera trocado telefone e e-mail com a pesquisadora (nos dias que se seguiram ela não respondeu às ligações).

Em meio a esse encontro com ela mesma, Micca expressa uma enfática defesa ao orgulho do “macho”, solicitando que se volte à atenção para a iminente importância do rapaz, mesmo que não se soubesse de quem se tratara, apenas que era um homem na festa, não podendo assim ser, tal “grandeza”, desprezada. Riva, por seu turno, sem se dobrar à sua realidade, consegue perceber apenas a relação homem-mulher naquela interação com o dançarino, o cunho profissional desaparece em meio ao seu “sentimento” baldo de descontração e desapego ao padrão exigente da complementaridade dos gêneros binários.

Em ambos os casos é possível recorrer à autora de *Homem não tece a dor* para ajudar a entender esse processo, que,

Em uma sociedade complexa e moderna, os mapas de orientação para vida social são ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são realizados dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social entrecruzam-se, misturam-se e, muitas vezes, entram em conflitos (BENTO, 2012, p. 118).

Outra situação denota um matiz igualmente conflituosa observada na festa:

[...] ah... é você que tem dançado com Roussel³³, né? Ele falou comigo, mas disse que não sabe se você vai continuar. Você tá pagando quanto? [...]. Percebi na sexta passada, você tá mesmo aprendendo, hein? Deu até uns giros! [...] ele é muito gente boa, mas tem uma pegada muito forte, cuidado! Ele respeita, mas se der mole, der brecha ele entra. Ele tem um estilo de dançar muito agarrado. Já dancei com ele, eu conheço. Ele tá casado com a última contratante dele (minha amiga) [...] não dance com um dançarino só, você pode se apegar.

Fiquei casada 21 anos. E tô separada há 6 anos. Um ano depois comecei a dançar. Fiquei com trauma, não quero mais casar. Nem um namorado eu quero. Só quero me divertir, dançar, relaxar. Só tem um problema: a gente vicia no dançarino. Tem mulher aqui que se endivida pra pagar o dançarino, por que você vicia! A mulher se separa, tá carente, e encontra no dançarino alguém que lhe dá atenção [...]. (Lisamona, Caderno de campo, junho de 2015).

Os fragmentos da fala de Lisamona à pesquisadora, no banheiro do local da festa, reforçam, em certa medida, alguns dos posicionamentos de Micca. Relembra o “bom caráter”, em si mesmo, do rapaz e sua capacidade de manipular o gênero “vulnerável”, a preponderância dele enquanto gênero masculino, mas que da mulher depende a lealdade dele aos seus laços de afetos. E, para além dos conselhos, havia ali uma mensagem que foi “bem entendida”, na medida em que o tempo passou: “Saiba, perua, tô de olho em você”!

Para além dos sentimentos que se misturam de autonomia e carência ao mesmo tempo; o “valor” e os “defeitos” de cada gênero em si mesmo; sua experiência do casamento e depois do dele, Lisamona expõe sua noção das diferenças, contraste e disputa entre ela e a outra. A estabilidade da respeitabilidade do “macho” depende da mulher, se ela for ou não “de respeito”. Tanto Da Matta (1987) quanto Giddens (1993), cada um a seu modo, trata dessa questão. O primeiro afirma que a “mulher da casa” e a “mulher da rua”, contrastantes entre si, e, viventes em função do patriarca, são faces da mesma moeda, são mutuamente complementares, ou seja, uma está referenciada na outra. O segundo, afirma que “as mulheres têm sido divididas entre as ‘virtuosas’ e as ‘perdidas’”, e estas últimas existem somente em face das primeiras. O autor afirma, ainda, que há tempos a “virtude” é determinada a partir da resistência da mulher em sucumbir ao desejo tentador do homem.

Há uma contradição generalizada ali. Que vai da proposta do ambiente ao público predominante, do discurso mais imediato das mulheres às suas reflexões mais substanciadas. Uma hesitação em meio a situação concreta e um ideal incorporado. Algo que é preciso enfatizar aqui, mais uma vez, pois já fora feito no último parágrafo da segunda seção do

³³ Roussel é o dançarino que foi contratado pela pesquisadora para acompanhá-la, na festa-baile, por três das oito (variavelmente) visitas à festa. Ele aparenta ter em torno de 30 anos de idade, fortes traços de negro, sua postura perde-se de sua postura profissional, veste-se de maneira desprovida de cuidado.

capítulo 1, é que o ambiente é relacional e, portanto, não se trata de problematizá-lo. Aquela atmosfera é maravilhosa! A música é boa, o serviço é razoável, “gente bonita”, tudo certo. Mas, para quem? Em qual circunstância? Ou, em qual nível de consciência, de autonomia afetiva dessas mulheres? Se há um par e se gosta de dançar num clima romântico? Perfeito! Se se tem autonomia afetiva e emocional para contratar um parceiro que vai interagir com o seu corpo, e depois pagar-lhe a conta e ir dormir tranquila, sem acionar uma dependência, o suprimento da sua carência? Ótimo! Mas, se não? Seria ela favorável àquilo que se considera edificante ou razoável em termos subjetivos?

Face a tal cenário, mais uma pergunta se impõe: por que as mulheres, supostamente, heterossexuais (pois não há sinais de aproximação entre elas para além do coleguismo), livres, autônomas, independentes, encontram-se concentradas numa interatividade de atmosfera extremamente romântica, inspiradora da formação de pares e, ao mesmo tempo, com tão rara presença de homens “avulsos”? Nos dias de grande público, as participes mais assíduas se queixam do tumulto, das outras mulheres, da maneira como elas se vestem, “são umas periguetes” (fala espontânea, festa-baile, março de 2015), como se atribuíssem às mulheres a culpabilidade pela sua insatisfação. Mais ainda, como se aquelas invadissem o seu *pedaço*.

Qual é o sentido de se procurar divertimento, vivenciar sua liberdade e autonomia subjetiva num ambiente que se é suscitada o tempo todo a refletir sobre suas carências, suas afetações, sua “condição de desprezada”? Seria isso mesmo um divertimento? Tem-se a impressão de que se estar só, por uma livre escolha, está fora de cogitação ou haveria de ter uma razão mais forte para isso. Da mesma forma que não se questiona qual é o nível ou o conteúdo da relação com essa companhia masculina que se tem ali. A própria pesquisadora teve tratamento diferenciado, aliás, “ultradiferenciado”, estando em companhia do dançarino, em relação ao dia em que estivera sozinha na festa.

Por seu turno, os homens ali procuram perceber, na medida em que lhes interessa, o quão suscetíveis são aqueles corpos de serem usados. Sim, pois a mulher desacompanhada de um homem na festa baile é um corpo ininteligível. Os homens que abordaram a pesquisadora na festa pareciam querer, antes de tudo, se certificarem sobre um possível amparo de alguém. Visto que perguntavam repetidamente, “você mora com quem?”; “Você mora próximo daqui?”; “Você mora só?”; “Você está de carro?” (diário de campo, homens na festa baile, março a junho, 2015); sem contar a mais persistente: “por que você está sozinha”? Especialmente, John e o Major pareciam convictos de que ela estando ali, àquelas horas e sozinha, não estava em condições de ser percebida como um sujeito respeitável.

A companhia do dançarino confere a mim um amparo no espaço público e me torna inteligível aos olhos dos outros homens da festa. Não importa o seu papel naquela relação quem está ali subordinado a quem. Uma figura masculina sob o meu comando, se quero dançar, se quero conversar, se quero dar uma volta sozinha pela festa, enfim, a meu serviço, puramente. Eles me observam. Sabem que ele é um profissional. Parecem tentar entender o porquê de uma mulher preferir pagar uma parceria, enquanto que poderia tê-la de graça. O fato é que ele, o parceiro masculino, me reveste de uma respeitabilidade. Ele impõe uma barreira entre mim e o público. (Diário de campo, maio de 2015, fala da pesquisadora).

Saffioti (*apud* BENTO, 2012, p. 142) ao refletir sobre a “dominação masculina”, considerando “classe social e raça” afirma que o homem, independentemente da sua condição no âmbito social, profissional, e suas relações com homens e mulheres, “sempre poderá impor seu poder a uma mulher, porque no final sempre terá um ‘capital de gênero’, atribuído socialmente, que lhe assegura tal condição [...]”. O “capital de gênero”, que Bento elabora, inspirada em Bourdieu, mostrou-se vivo na festa. O problema para esta última, seria a universalidade do gênero masculino, que na sua concepção inexistia. Podendo haver, no entanto, uma dispersão desse capital entre masculinidades, inclusive entre mulheres.

Por essa ótica, o “capital de gênero” masculino opera na festa-baile, denotando a desigualdade nas representações do feminino e do masculino, bem como, a inteligibilidade do gênero feminino, a partir da relação “complementar” com o masculino. O homem é perfeitamente inteligível tanto só quanto acompanhado. Assim o demonstrou John, quando indagou à pesquisadora sobre o porquê de ela estar sozinha na festa e ter sido respondido (da maneira mais serena possível) ao longo do diálogo sempre com outras perguntas, como por exemplo: “ora, se você está sozinho na festa, qual o problema em mim, nesse sentido?”. O rapaz mostrou-se desconcertado e ao mesmo tempo irritado, reagindo com acusações do tipo: “você é muito arredia! Você deve ter sido muito maltratada por algum homem! É revoltada!”.

O capital de gênero aparece em outra nuance. Qual seja: as mulheres da festa (salvo exceções) impuseram igualmente seu “capital”, seu poder, seja o que for, ao “impedirem” a pesquisadora de se inserir no *pedaço* delas. Foram oito visitas ao longo de quatro meses, média de uma frequência a cada duas semanas. Elas não contribuíram, ao menos de forma afluente e direta com a pesquisa que se pretendia fazer ali. Da mesma forma que elas decidem se aceitam ou não as parcerias descabidas com os homens, como se verá mais adiante. Logo, o “capital de gênero” existe disperso e pode ser apropriável por quem, para isso, se projetar. Se esse jogo é favorável a ela, é outra questão. O fato é que ela participa do jogo e, sendo assim, o pode mudá-lo a seu favor.

Em observação a um vídeo³⁴ disponível no site da casa (*Gilson Buffet*), a apresentadora seleciona seus entrevistados a partir do homem ou da composição do casal, em que o homem é o entrevistado principal. Jamais ali (naquele vídeo) fora entrevistada uma mulher desacompanhada de um homem. Conquanto, como dito, elas serem presença massiva no local.

Por seu turno, quando é a mulher a entrevistada, as perguntas são inclinadas ao que se “ajusta” ao seu gênero. Em entrevista ao próprio dono da casa, sobre a festa daquele dia, ele responde que graças a sua esposa e mentora do evento, estavam obtendo tamanho sucesso. Ainda assim, ao se dirigir a ela, a apresentadora a entrevista fazendo referência a aspectos secundários do evento, tal qual à decoração da casa, cujos detalhes seriam peculiaridade feminina e, portanto, explicada a exitosa beleza e harmonia. Sua pergunta: “[...] quando se trata de decoração a mulher fica ali olhando os pequenos detalhes pra dar tudo certo, não é mesmo”? A entrevistada, responde: “é verdade”! E segue sua fala reafirmando que a mesma tinha sido realizada por uma mulher, fazendo referência ao nome dela.

Não parece se tratar de ações ou discursos premeditados, conscientes, mas automatizadas pela própria dinâmica de um *habitus* social. Visto que, se essa é a “norma”: a preponderância do gênero masculino, pares heterossexuais, casais “branqueados”, felizes e bem sucedidos. Como analisado por Bento (2012), na seção anterior, sobre a *masculinidade hegemônica*, em tal classificação o gênero vem imbuído de critérios predeterminados, tais quais, sexualidade (heterossexual), classe econômica e, em certa medida, aspecto biocultural. Se este estiver desassociada do aspecto econômico. Bem como, a atribuição de habilidades secundárias e/ou de cunho sensitivo às mulheres, o que é fomentada por elas próprias.

Outro entrevistado, ainda, denota um caráter simbólico da casa, por meio do qual, exalta a qualidade do lugar por sua respeitabilidade, seu caráter familiar. Sua fala: “é a única casa que temos em Natal, final de semana [...] é uma casa muito respeitadora, muito familiar [...]” (entrevistado em vídeo, *Gilson Buffet*). Na sociedade brasileira, a família não representa por si só, uma instituição social diferenciada, mas, se constitui, sobretudo, como um “valor” *Da Matta (1987)*.

Para o autor, aqui, há uma “escolha” que aprecia e institucionaliza a família como uma entidade fundamental inerente à vida social. Assim, o termo é tomado não para se referir ao seu núcleo e afins, mas, a algo para, além disso. Utiliza-se família como um epíteto que se coaduna a situações cotidianas no sentido de ressaltar sua importância, sua qualidade, sua

³⁴ Por: Fátima Mello, em: <http://www.gilsonbuffetrn.com.br/#!/shows/c1uy6>. Acesso em 19 SET 2015.

afinidade: “essa comida é familiar”, “aquela moça é de família”, ou ainda, “aquela moça é da família tal ou qual”, a fim de apontar seu realce sobre as outras. E, como o próprio entrevistado afirma ser aquele um lugar de família, portanto, propício à respeitabilidade.

3.2 Dançarino de aluguel: “a melhor terapia que existe”.

O termo “dançarino” é empregado com muita frequência para designá-los. Entretanto, conforme as conversas informais tecidas nas festas, muitas das mulheres ali não compartilham da ideia de dançar com um profissional. Outras parecem, sequer, se dar conta de tal atividade. Suas falas a respeito são incisivas:

“Eu jamais pagaria alguém pra dançar, ou ficar comigo”!

“Eu não me imagino dançando com eles”!

“Eu não preciso, sei dançar”!

“Tem alguns homens mais idosos que vem aqui pra dançar. Aliás, aprendi com eles! Danço sempre com eles, não precisa contratar”!

(Diário de campo, Natal/RN, março de 2015)

Ao que tudo indica contratar um dançarino para a festa implica uma progressiva incapacidade de atrair ou conquistar um parceiro para a dança, pois a parceria estaria atrelada ainda a uma expectativa maior. Nesse caso, a contratação não lhe parece uma liberdade, um poder, uma autonomia, e sim um fracasso. Isso suscita, diante de tal possibilidade, certo mal estar para algumas. As mulheres ali querem dançar e se possível ter um bate papo agradável, que se estiver inclinado ao romance, melhor ainda. Como dissera (Marília, festa baile) “não me vejo dançando com eles! Prefiro esperar que apareça alguém interessante e me convide pra dançar”.

As próprias “contratantes”, antes de fazer qualquer menção, procuram explicar a finalidade da contratação. “É uma terapia”, umas em tom mais fechado. Outras abrem o sorriso, “é a melhor terapia que existe” (Isadora³⁵, festa baile, junho de 2015). Os homens que foram provocados a falar sobre os dançarinos, o fizeram monossilabicamente, “é”, “sim”, “não”. Não se estendem em comentários. Com um pouco de insistência, uma “brincadeira”, repetitiva por sinal: “homem tá difícil”.

³⁵ Isadora é uma mulher que aparenta ter 60 anos de idade, ou mais. Pele e cabelos claros, escovados sem que um fio esteja fora do lugar. Ela é muito fina, elegante, veste-se de maneira irretocável (do ponto de vista do padrão que se apresenta) roupas de modelos clássicos, de tecidos finos, cores discretas, joias delicadas, sapatos de saltos baixos e bolsa ao seguir o mesmo estilo dos sapatos. Uma indumentária que se harmoniza perfeitamente. Sua atitude é igualmente sutil, atenciosa por educação, sem estender-se. É contratante, notória e sabidamente, permanente.

É notória a mistura de coisas nesta fala: homem e dançarino. Parecem querer remeter à importância e raridade do gênero masculino na vida das mulheres. É como se houvesse uma economia – escassez e abundância. Na fala daquelas que contratam os dançarinos, ao contrário, são extensas as explicações do cunho profissional e funcional da parceria, para atender uma demanda terapêutica.

Muito provavelmente, no seu íntimo, essas duas coisas estejam igualmente misturadas e elas deveriam preservar-se dessa confusão. Já que há todo um aparato social que assim o idealiza, percebe e por isso subsidia tal precaução. Notícias na mídia procuram enfatizar essa premissa funcional³⁶:

Não podemos fugir da realidade que o envelhecimento é um fator que gera grandes transformações no organismo e limitações. O corpo torna-se menos flexível, os movimentos ficam mais lentos. Dessa forma, surge a necessidade de procurar maneiras de amenizar os sintomas que a idade proporciona. Assim, a dança, considerada uma das atividades mais completas, é a melhor opção para as pessoas da terceira idade, pois é uma atividade que além de promover uma integração em grupo, ajuda a superar as limitações físicas. [...]. É um esporte que se torna um vício e “quem começa, não quer mais parar”, ressalta a senhora Tereza Barreira, de 78 anos e que pratica a dança. (Gerlane Lima, julho/2011, mídia online).

A livre expressão sobre a interação corporal que a dança propicia para além da atividade física, a “liberdade” da mulher de socializar-se em espaço público, falar de seus anseios, divertir-se do jeito for. Prerrogativas negadas a ela na sua idade mais tenra, ou às suas ascendentes, “Creio que não há no Brasil um só diário escrito por mulher [...], satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimação” (FREYRE, 2003, p. 45), ainda necessita de uma cobertura ideológica para elaborar seu mundo subjetivo. Isso chama a atenção ao grau de substancialidade no que concerne às transformações sociais refletidas na sua subjetividade como um todo.

Ainda que, a afirmação do autor não contemple o Brasil da época (séculos XVII e XVIII), pois estudos posteriores revelam que o modelo de família elaborado por Freyre não predominaram em todo o país, especialmente na região Sul, Samara (1987). Tampouco ela pode ser negada. Pois, no século XXI algumas mulheres (conforme a pesquisa de campo revelou) recorrem a um discurso ideológico da saúde do corpo para justificar sua saída de *casa* para outras experiências na *rua*.

³⁶ Gerlane Lima, em: <http://www.nominuto.com/noticias/ciencia-e-saude/natal-ganha-um-novo-mercado-para-os-dancarinos/72969/>. Acessado em 22 ABR 2015.

Em um diálogo com Mônica³⁷ – que excepcionalmente, convidara a pesquisadora para estar à mesa, afirmando que, “é muito chato ficar sozinha na festa” – disse não ser frequentadora assídua. Estava ali a convite do namorado que trabalha fazendo bico³⁸ de garçom – demonstrou não saber da prática de contratação de profissionais para a dança. Feito alguma menção a respeito, tanto ela quanto suas amigas (três) não fizeram qualquer comentário, mas foram enfáticas na afirmação: “não tem homem pra dançar, que coisa triste!” (festa baile, abril de 2015). Na tentativa de descontraírem-se, elas dançavam sozinhas por ali mesmo em volta da mesa. Não iam à pista de dança.

Com certa insistência da pesquisadora em tratar do assunto, ela afirmara que embora gostasse muito de dançar, não gastaria seu dinheiro com aquilo. “Não dependo de homem pra nada, nem admito ser manobrada por nenhum. Pagar um homem pra dançar, ou pra qualquer coisa, nunca! Agora, não dá pra ficar sozinha, gosto do trem, risos... (sexo)” (Mônica). Questiona-se, portanto, o motivo pelo qual o namorado de Monica, não falaria a ela sobre a rotina de contratação dos dançarinos na festa? Será que os homens encaram isso com naturalidade? Seria na sua visão, diminuída a exigência de sua participação no divertimento das mulheres?

Mônica foi uma das mulheres que mantiveram contato com a pesquisadora depois daquele encontro na festa e concedeu uma entrevista – conforme mencionado no capítulo I. Deixou claro que se sentia honrada em contribuir, muito embora, na hora de fazê-lo tenha demonstrado uma timidez atípica nela: “mulher, eu nem sei responder essas pergunta” (Mônica), suscitando na pesquisadora alguma criatividade no sentido de descontraí-la. Por fim, ela se divertiu durante toda a entrevista.

No momento de agendar com o dançarino Roussel, foram tratadas as questões de cunho prático da contratação: preço, forma de pagamento e tempo empregado no serviço. Contudo, ele procurara explicar o porquê da prática. Na sua visão, as mulheres contratam os “acompanhantes”, porque dançam já em escolas, e nas festas não encontram parceiros no mesmo nível de desenvoltura e, também, porque os homens não as procuram para dançar. Ele explicara ainda, que às quintas-feiras as contratações incidem mais, pois os dançarinos têm

³⁷ Mônica é uma mulher de 48 anos de idade, descasada, mãe de quatro filhos adultos (um deles foi assassinado aos 20 anos, deixando uma filha bebê, que ela cria juntamente com a nora viúva), Ela possui pela clara, cabelos escuros e crespos. Mora na periferia da cidade, trabalha de segunda a segunda, “lava roupa pra fora”, serve churrasquinho na calçada de sua casa (própria) e aluga um quarto da casa, que abriu uma porta para a rua e serve como uma lojinha. Sua formação: ensino fundamental incompleto. Uma batalhadora, seu maior orgulho é se perceber independente. Tem uma atitude vigorosa, determinada, mostra-se destemida de tudo. Gosta de se vestir de forma arrumada, gosta de brilhos e cores vibrantes, shorts e vestidos. Os esmaltes preferidos são os de tons vermelhos e azuis.

³⁸ Termo normalmente referido para caracterizar um trabalho eventual, sem vínculo empregatício, um *freelance*.

entrada “franca”³⁹ na festa, tornando menor o custo para a contratante, que por seu turno, paga o ingresso e o consumo deles, além do cachê (em torno de R\$150,00).

3.3 “Eles não chamam pra dançar”

Como já apontado, não se sabe ao certo, se a aparente proeminência dos homens sobre as mulheres, que parece ser algo vivo naquela festa, é uma convicção deles, propriamente, ou um recuo diante dessa mulher, mesmo ainda incipientemente, renovada, visto que ela tem, em suas mãos, o poder do “sim” e do “não”. Muito embora, as interações ali também se mostrem heterogêneas, o que se faz pensar que as transformações ocorridas nas relações entre homem e mulher ainda não se dão por completo. Tanto pela aparente convicção de supremacia que se percebe na atitude dos homens, quanto pela hesitação das mulheres em completar o passo adiante na empresa de “sujeito autônomo”. É como se ao tentar avançar, um dos pés ficasse preso atrás. Enquanto têm mulheres que recusam os convites de parceiras, para dançar, por acharem “abusadoras”, outras se queixam que os homens não as convidam mais para a dança.

Todavia, suas diversas queixas também demonstram ambiguidades. Alguns homens dos quais as convida, transposta a seletividade, o fazem por um interesse, que não vai somente para além da dança, mas para além de um simples bate-papo. É um bate-mão mesmo, isto é, uma postura exploratória do corpo dela durante a dança. Elas ficam chateadas e ofendidas. Mas, pasme-se! “A culpa é dessas mulheres que se oferecem demais, se jogam. Não esperam que eles convidem. Aí eles pensam que somos iguais”. Os homens não sabem mais lidar com as mulheres. Mas, a culpa é delas!” (festa baile, falas espontâneas, maio de 2015).

As falas em conversas informais, em campo, dão sinais de uma não conformação e certa entonação de queixas daquelas mulheres em realizar seu momento de diversão e exercício de sua autonomia afetiva. Para algumas delas, divertir-se sozinha na festa é algo imponderável. Pois tal intento está imbuído da necessidade de interação com parceiros homens. Suas próprias falas:

“Eles não convidam pra dançar”.

“Eles escolhem as novinhas”.

“Alguns homens que convidam pra dançar ficam pegando, se aproveitando, é um nojo”.

“Quando me separei aprendi a dançar, a me divertir”.

(Festa baile, relatos espontâneos, março a junho de 2015).

³⁹ Livre de ônus.

Ao mesmo tempo em que pontuam a vida de casada e depois dela, exaltam sua liberdade e alegria de viver, de ir e vir, depois da separação; ao conceber o avanço nas suas singularidades, são chamadas ao “estágio” anterior, em que cada qual se percebia atrelada ao outro. Deslocam-se livremente para a festa, e, estando lá, ficam trancadas nas cadeiras a espera de um parceiro ou pretendente. É como se vivessem a meio-passo.

Alves (1987), que trata das mudanças e permanências na situação da “mulher velha” em relação à família, afirma que tradicionalmente, esta teve sua estima viva ao passo que suas habilidade e capacidade de comando do lar eram mantidas. Após a virada da década de 1970 a 1980 esse ideal deu lugar à busca pelo prazer e a realização pessoal como pleitos desejáveis e legitimados pelo discurso da geriatria em função da velhice saudável. O referido discurso pôde ser observado na seção anterior. Ocorre que essa mudança que movimenta atravessa um longo processo reflexivo inerente ao sujeito pela predisposição de um *habitus*.

Pode-se acompanhar ao longo desse estudo que as mulheres da festa baile, esteja só ou acompanhada da amiga, estão mudando seus destinos, muito embora, levando consigo para o novo muitas coisas velhas, é verdade, mas elas estão avante. As mudanças nas relações sociais, no campo da subjetividade são mais lentas, pois obedecem a um processo de *descontinuidade socializatória*, em que diferentes mapas, diferentes visões de mundo entram em conflito e geram um movimento de constante reelaboração do *eu*, de modo que se nega o velho mas se resiste, ainda, em assumir o novo, Bento (2012, grifo da autora).

Marília é frequentadora assídua da festa, não utiliza a parceria de *dançarinos*, ao contrário a reprova sem hesitação. Prefere ficar à mesa, a espera de alguém “interessante” que a convide para dançar e, quem sabe, a diferencie das outras e a descubra como mulher ideal para se iniciar uma história de amor, pois, assim já houvera ocorrido com ela ali mesmo. Naquela noite, durante toda a festa, isso não aconteceu.

Ela relatou que vivera um “romance” com alguém que conheceu na festa. Ele era de outro estado brasileiro e revezava a moradia em Natal por questões de trabalho. O relacionamento acabou porque ele impusera morar com ela nas temporadas em que estivesse em sua cidade. A recusa promovera constantes discussões decorrendo no fim da relação. Suas palavras:

Quero um amor, um romance, não serve pra mim uma relação só pelo sexo, embora claro, seja importante, mas não abro mão da minha liberdade e do conforto da minha casa. Além do mais, um dos meus filhos mora comigo e o meu ex-marido frequenta a casa. Homem na minha vida tem que ser ele na sua casa e eu na minha. (Marília, conversa informal na festa, março de 2015).

Ela se diz autônoma de suas vontades, vai e vem sem impedimentos, demonstra um convenio material, traz viva a ideia de amor romântico, elemento do imaginário social capaz de levar seus atores a transcender a realidade (Castoriadis, *apud* SILVA, 2006). Todavia, ao tomar posições, sua narrativa dialoga o tempo todo com um *habitus* social, demonstrado tanto na festa à maneira como se porta, e se refere às outras mulheres, quanto ao se referir à sua casa, enquanto espaço da família. É uma mescla de ideais que se confrontam. O ideal de comportamento “esperado” socialmente; o ideal do *eu*, sujeito livre de pensamento e de ação; o ideal do amor; o ideal de família tradicional cultivada a cargo da mulher; e uma racionalidade que a convida à conveniência de tais aspectos reunidos.

Ao analisar a *dominação masculina*, Bourdieu (2014, p. 97) compreende que “De fato, é raro as mulheres estarem suficientemente livres de total dependência, se não dos jogos sociais, pelo menos com relação aos homens que o jogam [...]”. Outra ideia que ajuda a pensar tal situação é a seguinte: “a gente não se liberta de um hábito, atirando-o pela janela: é preciso fazê-lo descer a escada, degrau por degrau” (TWIN, Mark, *apud* BENTO, 2012, p. 200).

As mulheres tomam parte do jogo do poder através dos homens à medida que estes estão inclinados a jogar com o poder e elas a amá-los enquanto jogadores Bourdieu (2014). Aqui, a mudança se apresenta apenas como uma tensão. Marília vive de maneira livre, todavia, apegada ao modelo para o qual foi ensinada.

Por outro lado, Miriam Goldemberg (1990, p. 66) afirma que “há uma valorização da realização feminina, que passa pela satisfação com a vida afetiva, sexual e profissional”. A autora reflete sobre uma nova perspectiva de relacionamento amoroso que prescinde de vínculos formais, parcialidades de papéis, hierarquia. Sobretudo, prescinde de um formato acabado, podendo-se criar uma atmosfera em que a relação possa ser articulada na vivência do par, o que denota o outro polo ideal na fala de Marília.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se, com o exercício dessa pesquisa, investigar como certo perfil de mulheres estaria vivenciando sua vida subjetiva nos fluxos fora da “casa”, face às debatidas transformações sociais. Berenice Bento, em *O homem não tece a dor*, que discute as consequências das alterações no campo da afetividade nas últimas décadas, afirma que estas vieram culminar na reconstituição da identidade de gênero, especialmente o masculino, pelo viés da relação entre subjetividade e sociedade, bem como na relação de gênero.

Somado a outros instrumentos mobilizados neste trabalho, a fim de ilustrar o cenário de mudanças sociais, inclusive na arena política e de esferas discursivas das questões da equidade de gênero, (GIDDENS,1993) ilustrou um curso de novas posturas no âmbito da subjetividade e intimidade. Tudo isso demonstra que, a pesar dos conflitos, as transformações desencadeadas nas relações afetivas são visíveis e estão acontecendo. E se pensarmos que nas festas baile “a mulher está podendo” contratar um parceiro para acompanhá-la ou fazer par na dança, isso mostra, grosso modo, um excepcional avanço. Dado que, à distância, por uma visão panorâmica, tudo parece seguir rumo à paridade entre o “gênero” masculino e feminino.

Entretanto, o universo defrontado pareceu mais complexo, ambíguo, descontínuo e heterogêneo. Aspecto que veio a suscitar mais questionamentos do que afirmativas. Mostrou, sobretudo, que as mulheres pesquisadas estão sensíveis às mudanças e experimentando novos passos, mas, que ainda parecem ser pequenos, se não inacabados. Relembrem suas vidas antes do casamento e a nova situação de descasada, sem demonstrar, todavia, em última análise, a plenitude desse novo momento ante uma falta que reclama.

Nesse sentido, impuseram-se as perguntas: em que medida e em quais dimensões essas mudanças se cumprem na vida prática dessas mulheres? A mulher descasada de Natal/RN se encontra em transformação e com que alcance? Haveria um vilão nessa cena? Além da própria natureza da relação, escassez e abundância, local? Além da própria dinâmica social com suas “leis” de gênero? Além da inventividade inerte na busca pelo divertimento?

Face ao exposto, as conclusões são provisórias, uma vez que geram outras interrogações. Visto as respostas que se ensaiam serem um tanto fluidas, como líquido que escorre por entre os dedos e não se consegue apreendê-las no seu todo, apenas obtendo-se algumas impressões. Todavia, essas mulheres parecem demonstrar que já não mais vislumbram um casamento de modo convencional. Mas, “precisam de um homem pra chamar de seu”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a Família no Brasil. In:_____. ALMEIDA, Ângela Mendes de (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo- UFRJ, 1987 (p. 53).

ALVES, Andreia Moraes. Sexualidade, família e velhice feminina. In:_____. HEILBORN, Maria Luiza. [et al]. **Sexualidade, família e Ethos Religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. (p. 19).

BARSTED, Leila Linhares. Permanência ou Mudanças? O discurso legal sobre a família. In:_____. ALMEIDA, Ângela Mendes de (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo- UFRJ, 1987. (p.103).

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal, RN: EDURN, 2012.

_____. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011, p. 549.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento [por] Peter L. Berger [e] Thomas Luckmann; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre F. **Dominação Masculina**. 12ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. Introdução a uma sociologia reflexiva. In:_____. **O Poder Simbólico**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 17.

BRASIL.[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

DA MATTA, Roberto. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In:_____. ALMEIDA, Ângela Mendes de (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo- UFRJ, 1987, p. 115.

DURHAM, Eunice R. 1986. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.) **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 17-37.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. --- 48ª ed. rev. --- São Paulo: Global, 2003.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa das Culturas In:_____. **A Interpretação das Culturas**. LTC: Rio de Janeiro: 1989, p. 03.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da INTIMIDADE**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, Miriam. **A Outra**: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Revan, 1990.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2002. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17(49), p. 11- 29.

NICHNIG, Claudia Regina. **“PARA SER DIGNO HÁ QUE SER LIVRE”**: **RECONHECIMENTO JURÍDICO DA CONJUGALIDADE ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO NO BRASIL**. Florianópolis, UFSC, 2013.

SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências atuais da história da família no Brasil. In:_____. ALMEIDA, Ângela Mendes de (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo- UFRJ, 1987, p. 25.

SILVA, Vergas Vitória da. **“de repente do riso fez-se o pranto”**: representações e expressões do amor e do sofrimento amoroso. Natal/RN – UFRN, 2006.

VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In:_____. ALMEIDA, Ângela Mendes de (Org.) **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo- UFRJ, 1987, p. 79.